

Revista



SALA DE  
FOTOGRAFIA

nº 6 - out/2019



# Manifesto

A Revista Sala de Fotografia completa três anos. E são seis edições que levantam mais alto que tudo o estandarte da educação, da arte e da cultura. Mais que apenas informar, nossos textos se propõem a fazer, a partir de nossas experiências, conexões entre diversos discursos e diálogos. Fazer este que produz um pensamento crítico a respeito da fotografia e, conseqüentemente, do mundo que nos cerca.

E não é à toa que levantamos estas bandeiras. A arte, a cultura e a educação têm o poder de mudar o mundo. Mas podem mudar o mundo um pouquinho de cada vez. Há uma tendência de só acreditar em projetos culturais que contem com a participação de um grande público. Não podemos mais pensar apenas em números de bilheteria. Às vezes, eventos com poucos podem fazer muito, pois geram um engajamento de uma parcela muito específica da população. Se tudo é segmentado neste momento em que vivemos, a cultura também poderia atender a diferentes discursos e subjetividades. Podemos pensar em muitos eventos para poucos, mas com um nível de participação e assertividade maiores, ao invés do contrário. Afinal, com grandes eventos pode-se correr o risco de uma massificação, que pode vir a conduzir a uma certa espetacularização da cultura.

Em tempos difíceis como os que vivemos, com cortes de verbas em diversos setores, sentimos o impacto da falta de políticas públicas para a cultura em todas as esferas: municipais, estaduais e federais. Mas as vozes da cultura seguem firmes na luta.

A arte, a cultura e a educação devem ser os pilares de bons projetos de política pública. Só que queremos enxergar ainda mais além. E se começarmos a pensar outras formas de obter orçamentos para os projetos culturais e artísticos? A economia criativa – que prioriza o talento individual, muito mais do que recursos, é um dos assuntos mais importantes destes novos tempos. A criatividade é uma commodity imprescindível para as novas formas de trabalho. Então, se criar é nosso talento, como podemos pensar formas inovadoras de tirar nossos projetos da gaveta sem precisar depender do poder público, tão sucetível a cortes? Não há respostas prontas nem fáceis nessa nossa sociedade que se complexifica a cada passo. Mas juntos podemos tentar achar caminhos.

Juntos. Este é o novo futuro, de fato: ele é coletivo. A nova organização sugere que a sociedade civil não espere mais apenas pelo poder público para criar soluções. Grupos voluntários começam a se formar para pensar nas cidades que queremos, resolvendo localmente demandas ou de conscientização coletiva. Mais do que apenas fazer por si mesmas, estas uniões de cidadãos acabam por ter poder de visibilidade frente ao poder público. Não podemos mais esperar que cada prefeito decida o que fazer, a cada quatro anos, anulando obras do seu antecessor. Os cidadãos, que mais do que ninguém sentem os efeitos de cada pequena mudança na cidade no seu dia a dia, precisam se mobilizar para fazer acontecer.

A união faz a força, e não é que estamos lembrando deste velho ditado em pleno século XXI? Se cada um faz um pouco em prol de um objetivo maior, vamos ter muito ao final, e podemos chegar cada vez mais perto da cidade que queremos. E então, vamos juntos?



Revista  
**SALA DE  
FOTOGRAFIA**  
nº 6 - out/2019

**Expediente - quem faz**

Diretora Geral: Liliane Giordano  
Fotógrafa e mestre em educação

Editora-chefe: Sabrina Didoné  
Jornalista (MTB 0018277/RS)

Textos, fotos e diagramação:  
Liliane Giordano  
Sabrina Didoné

Conselho editorial:  
Liliane Giordano  
Sabrina Didoné  
Thaynne Andrade

saladefotografia@gmail.com  
(54) 3534.8994 | (54) 9.9981.9894  
www.saladefotografia.com

08	Festivais de fotografia: Foto em Pauta 2019
24	Feira Fotografar 2019
34	Série: O Conto da Aia
42	Festivais de Fotografia: FestFoto POA 2019
70	Exposição Vivita Cartier
80	Congressos de Fotografia: Go Image on Stage 2019
106	Carta Aberta: XII Semana da Fotografia de Caxias do Sul
116	Leitura: Ler imagens potencializa a capacidade de olhar
128	Artigo: Carlos Carvalho
138	Artigo: Roberta Tavares
144	Exposição: Reminiscência de um escultor
152	V Fórum Latino-Americano de Fotografia 2019
172	Liliane Giordano Arte em Roupa

Índice



análise - festivais de fotografia

# Foto em Pauta 2019

---



O 9º Festival de Fotografia de Tiradentes - Foto em Pauta ocorreu de 27 a 31 de março de 2019 na histórica cidade de Minas Gerais. E a Sala de Fotografia esteve lá para conferir todas as atividades!

Já na primeira noite, o evento contou com um grande público, com muitas atividades e exposições espalhadas pelos mais diversos espaços, desde galerias a bares e restaurantes de Tiradentes.

O projeto Foto em Pauta na Estrada, com Bruno Magalhães, João Castilhos e Pedro David, passou por Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre para conhecer artistas e produzir uma exposição. Ela foi intitulada de “Vento Sul”, e contou com 31 autores. Nestes locais pelos quais passaram, fizeram palestras, em uma espécie de caravana do festival. Os nomes



selecionados foram: André Sanches, Bruna Klim, Camila Lima, Diorgenes Pandini, Dirce Kobes, Fabiano Scholl, Fábio Del Re, Fernanda Chemale, Fernanda Motta, Francisco Santos, Iasmin Daher, Janine Bello, Larissa Guimarães, Leo Caobelli, Luciana Petrelli, Lucila Horn, Marco Favero, Marcus Dutra, Mariane Rotter, Miriam Fichtner, Priscila Forone, Rochele Zandavalli e Vilma Slomp, Ana Sabiá, Ágata Schmitt, Gabriel Carpes, Lucas Pontes, Lu Berlese, Luiz Carlos Felizardo, Orlando Azevedo e Selene Samartin.

## Palestras

Na primeira tarde do festival, ouvimos a artista mineira Marilene Ribeiro sobre alguns de seus projetos. Um deles era “Água Morta”, projeto sobre atingidos por barragens hidrelétricas no Brasil, desenvolvido no seu doutorado, defendido na University for the Creative Arts, na Inglaterra, em conversa com a professora Anna Karina Bartolomeu da Universidade Federal de Minas Gerais.

O projeto mostra como os fenômenos impactam a natureza e a vida em volta do que está sendo destruído. A construção de uma nova identidade, os custos e benefícios da eletricidade. Como colocar este contexto e os personagens no desenvolvimento do projeto empoderando muitas vozes. A imagem sendo construída com o protagonismo das pessoas conforme o desejo do retrato imaginado por eles com seus objetos e elementos. Marilene relatou que, de uma forma multifacetada, está se falando de energia, vida cotidiana, natureza, paisagem, da personalidade. Assim, tentou mostrar as múltiplas vertentes da história local.

“Arte, cultura, educação e um meio ambiente equilibrado é um direito de todos os povos”. Marilene Ribeiro

Na palestra seguinte, Helena Leão conversou com Scott MacLeay. Ele contou sobre suas referências e trajetória. “Que ama o acaso, mas é obsessivo pelo controle”, como sugere Helena. Scott falou como suas experiências pessoais, pensamentos e sentimentos afetam seu processo de trabalho. O que ele dá ênfase em seus trabalhos é onde os acasos e as interferências se encontram.

“Contextualizar as experiências mínimas, acho que o momento. E como contextualizar essas experiências afetam o processo de trabalho e o que as define, para falar para as pessoas de tentar contextualizar com as demais experiências que são universais. A interferência não influencia, mas não controla o encontro com pessoas mais inteligentes, com outras experiências, com outras culturas. Devemos aprender a pensar como as outras pessoas. Com honestidade e integridade, a gente faz interferência com as pessoas e o público. E assim cria um mundo controlado



e prova o descontrol. As imagens às vezes não tem sentido, ou tem importância, mas quando em série fazem todo o sentido.” Scott MacLeay

A última palestra da noite, desta quinta-feira do festival de Tiradentes, teve Diógenes Moura e Tiago Santana falando sobre a exposição “Terra em Transe” e o Solar Foto Festival, de Fortaleza. Tiago, idealizador e diretor artístico do Festival, falou da proposta do primeiro festival de fotografia de Fortaleza, de pensar a atualidade política da imagem.

“O próprio ato de fazer um festival é militante, no sentido de que fazer festivais é compartilhar conhecimento, e isso é militância.” Tiago Santana

Uma das atividades mais esperadas do festival de Fortaleza foi a conferência “A Decadência da Mentira”, com o pensador e artista visual espanhol Joan Fontcuberta, referência nas modernas discussões sobre imagem. Além dele, diversos fotógrafos integraram a programação do evento, como a inglesa naturalizada brasileira Maureen Bisilliat, o mestre da fotopintura Júlio Santos e a eslovena Vanja Bucan. O encontro também contou com a exibição e debate do curta “Improvável Encontro” com o diretor Lauro Escorel.

A exposição “Terra em Transe”, vinha de encontro ao tema do festival, “Abismo” e as abordagens referenciaram também ao filme de Glauber Rocha que dá nome à mostra. O curador desta mostra, Diógenes Moura que também é escritor, roteirista e editor pernambucano, foi o responsável por reunir 52 artistas nacionais, e, um olhar plural sobre os Brasis, evocando imagens de forte cunho documental e reveladoras de aspectos caros às discussões dos tempos de agora e de outrora. A exposição ocorreu no Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC).

“Um filme. Um livro. Uma exposição. A carne treme. A terra treme. Há Terra em Transe. Violência e paixão: onde está o meu rosto? Quem matou o meu filho? Amor? Amor só de mãe. A imagem alucina. A fotografia está com os dias contados. A carne treme. Há Terra em Transe. A bomba relógio vai explodir”, diz parte do texto da curadoria de Diógenes.

“Não assumo trabalhos bonitos, para agradar. Quero mostrar a realidade, e por isso recorri aos registros que estavam expostos. E tão importantes quanto as imagens são os textos que as acompanham. Espero que as pessoas entrem no museu e sintam que estamos em um momento de reflexão”. Diógenes Moura

Logo em seguida no palco do Foto em Pauta, ocorreu a palestra “Fotografia e Patrimônio Cultural”, na qual André Vilaron (Iphan/Brasília) fez a mediação do fotógrafo Renato Soares, que apresentou o projeto “Ameríndios do Brasil”.

“Neste momento político onde se diz que o índio não existe, eu mostro na minha fotografia que ele existe sim, está aqui. E o índio diz: nós estamos aqui, aguentando há 500 anos, então vocês vão aguentar mais um pouco.” Renato Soares

Na palestra seguinte, “Jogo de memória” a artista Aline Motta, usando fotos, textos e documentos, pretende mergulhar no passado da família para narrar episódios entremeados por racismo, loucura e morte. Aline une criação literária e pesquisa de imagens para tratar de sua história familiar, acompanhando parentes, como a tataravó Ambrosina Cafezeiro Gomes, que viveram no Rio de Janeiro no período posterior à abolição da escravatura. Este projeto de livro foi selecionado pela Bolsa ZUM/IMS, e assim conseguiu realizar a publicação. Aline contou que, no projeto, escreveu: “este não é um projeto de um livro. Este é o projeto de uma vida.” Neste trabalho, ela articulou as palavras com a memória e a pesquisa documental em uma experiência artística. Na pesquisa, Aline acabou por descobrir histórias familiares ocultas até então.

“As vozes estão voltando e querem justiça. E o que é justiça? Que tipo de reparação histórica temos para afirmar isso?” Aline Motta



opinião

Com sua fala bem articulada, Aline demonstrou todo o seu empoderamento por meio do conhecimento e do desenvolvimento de seus excelentes projetos. Sua palestra e seus trabalhos deixaram a plateia muito atenta às suas palavras.





Júlia Rebouças, curadora, pesquisadora e crítica de arte, conversou com a artista gaúcha Romy Pocztaruk que apresentou o filme “Aterro” e seu percurso artístico.

“O limbo afinal é um artefato tecnológico.” Romy Pocztaruk

No projeto “Aterro”, ela trabalhou com ideias, e não com mídias, e isso lhe conferiu liberdade. Este trabalho foi realizado com outros dois artistas: Daniel Galera e Marina Camargo. A ideia foi trazer uma visão sobre as cidades, provocando uma reflexão sobre como seria o fim do ambiente urbano, no qual a natureza voltaria a reinar.

Julia disse que o avesso da história ‘é a mentira, estamos na era da mentira cabal.’

A curadora relembrou uma série de Romy Pocztaruk, intitulada “A Última Aventura” - em que a artista investiga vestígios materiais e simbólicos remanescentes da construção da rodovia Transamazônica. Para ela, neste projeto, Romy faz um resgate de memória ao construir uma memória ficcional, um trabalho menos racional e que vai para o lugar da imaginação.

“O futuro está às nossas costas,  
o que está nos nossos olhos é o  
passado. Porque tem que imaginar  
e acompanhar a utopia e não olhar  
para o presente.” Júlia Rebouças

Ainda nesta mesa, se discutiu a crise de representação na arte, na qual as criações não dão conta de todos nós. A ciência pode ser como uma ficção, quebrando um paradigma e criando outros. É possível usar a criatividade para descobrir como a

estrela brilha, a terra gira. Podemos pensar a falha da ciência como um pensamento que foi construído.

## Viagens e experiências

Cultura, natureza, vida selvagem, histórias e relações transformadoras na vida do fotógrafo viajante Cristiano Xavier foi o tema da próxima mesa no Festival. Ele conversou sobre expedições fotográficas, suas viagens e experiências com João Marcos.

E a noite em Tiradentes ficou iluminada com a caminhada da Via Sacra! A procissão saiu da Igreja Matriz de Santo Antônio, percorrendo o Centro Histórico.

A Semana Santa, celebração da fé e da cultura, é uma tradição nas cidades históricas de Minas Gerais. Em Tiradentes, as tradicionais celebrações já ocorrem há mais de 300 anos.

No sábado, Ana Sabiá, Dirce Körbes, Luciana Petrelli e Lucila Horn apresentaram o trabalho desenvolvido em Florianópolis pelo Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte – NEFA, dedicado a estudar, pesquisar e produzir pesquisas autorais em fotografia no campo da arte.

O Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte, criado em 2014, e coordenado por Lucila Horn, tem como finalidade reunir pessoas interessadas em estudar e desenvolver projetos e pesquisas, arte e processos de criação. Ele se desenvolve como um coletivo que se reúne para estudar e elaborar poéticas visuais, projetos e propostas expositivas.

O grupo apresentou alguns de seus projetos e ações desenvolvidas para a plateia. O NEFA tem objetivo de formar e não formatar para aprender olhar sobre o seu trabalho. E pensar em um posicionamento crítico e político, com um grupo de pesquisa e para criar publicações.

Célia Corsino, superintendente do Iphan de Minas Gerais,





apresentou a revista do Patrimônio e o patrimônio do norte do Brasil. Ela também fez a mediação de Marcela Bonfim, que falou sobre seu projeto “(Re)Conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta”; e Paula Sampaio, que falou de sua experiência com o ensaio “Delegacia de Casos Perdidos”.

Em seu impressionante projeto, Marcela contou que desde 2011 tem percorrido o estado de Rondônia para fotografar quilombolas, haitianos e outras pessoas negras. Por meio dessas imagens, ela procurou mostrar todo o processo de descobrimento da história do negro na região.

“A luta do conhecimento tem que ser nossa, porque as pessoas dessas comunidades não têm o interesse, não sabem nem mesmo sobre o seu lugar.” Marcela Bonfim

Marcela falou ainda sobre o seu processo.

“Eu vivia na velocidade, e fui para um lugar que me deu o tempo. Isso é o que a fotografia está passando, falta o tempo”. Marcela Bonfim

Já Paula Sampaio traz em seu ensaio fotográfico realizado em um casarão centenário após o incêndio que o destruiu.

“O ensaio é um exercício de reflexão sobre as nossas perdas cotidianas. A ideia é inspirada nas rondas policiais que eu fazia quando trabalhava como repórter fotográfica. Criei uma “delegacia” imaginária, onde estou registrando por meio de Boletins de ocorrência, como se faz nas delegacias reais, todas as ocorrências que chamo de “casos perdidos”, ou seja, tudo aquilo que não tem mais jeito, mas que em função de sua importância, não pode simplesmente cair no esquecimento.” Paula Sampaio

O Festival trouxe ainda Sérgio Branco, da Revista Fotografe Melhor, e Juan Esteves, fotógrafo, apresentando Gisele Martins – que é economista de formação e trabalha na área de Marketing, mas descobriu a fotografia na década de 90; e Rita Barreto, fotógrafa documentarista que acompanha os índios do Alto Xingu a mais de uma década.

Na mesa seguinte, intitulada “Mulheres do Mar”, Luciano Candisani falou sobre o seu processo criativo no ensaio fotográfico sobre senhoras mergulhadoras da Coreia do Sul, uma tradição com mais de 400 anos de história. Elas têm entre 65 e 90 anos de idade, e ainda afundam a dez metros de profundidade só com o ar dos pulmões. Esse trabalho é tema do filme “Haenyo: a força do mar”, que foi exibido no canal National Geographic.

Como já é tradicional no Festival, o Prêmio Foto em Pauta oportuniza ao vencedor a publicação de um fotolivro. Ele é uma parceria entre o Foto em Pauta, a Editora Tempo d’Imagem e a Ipsis Gráfica e Editora. Este

ano, o vencedor foi Gabriel Carpes, de Porto Alegre, e ele apresentou o projeto do livro “Faltam Mil Anos de História”.

### Programação paralela

Em paralelo às palestras da programação oficial do festival de Tiradentes, ocorreram diversas ações como a palestra sobre o processo de curadoria com Marcos Varanda.

Varanda disse que a foto só conta a história no fotojornalismo. Nas demais possibilidades, ela cria uma narrativa que os leitores precisam seguir o fluxo para poder entender.

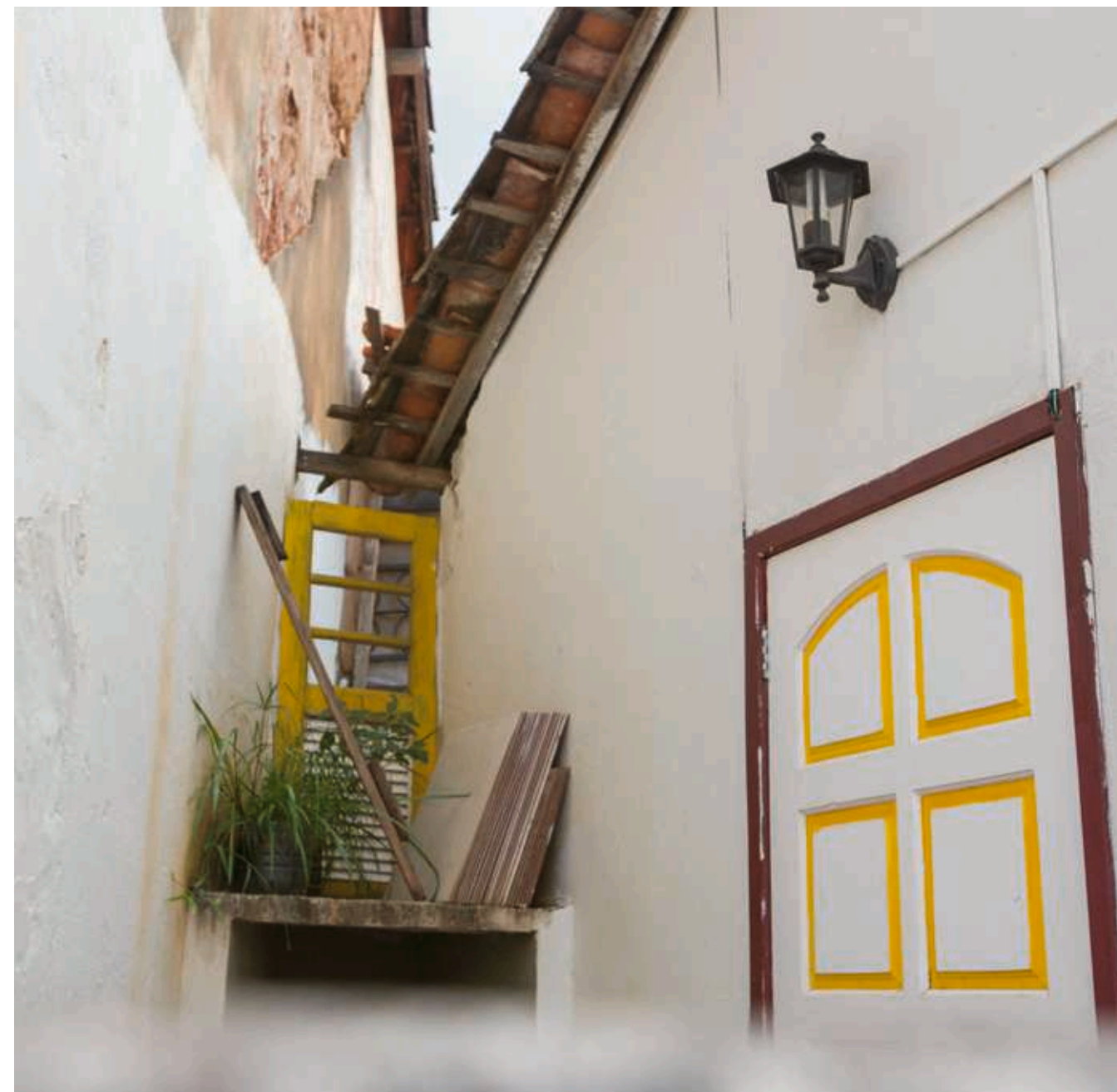
“A fotografia autoral é uma alfabetização visual. Não vale mais a técnica, mas sim o contexto do seu questionamento. Para o processo de curadoria, é necessário conhecer o processo de trabalho com o artista. Para ter resultado, é preciso produzir. Cartier Bresson, por exemplo, tinha compulsão, produzia até 70 fotos por dia durante toda a vida.” Marcos Varanda

Além disso, o Festival teve oficina de fotografia analógica, exibição de episódios da série “Inhotim Arte Presente” – seguida de conversa com o diretor e professor Antonio Fatorelli. Também teve exibição comentada por Jorge Bodanzky de vídeos com entrevistas sobre fotografia produzidas pelo cineasta para o site da Revista Zum.

A fotógrafa pernambucana Eliane Velozo apresentou seu projeto “Senha aberta”, que envolve residências artísticas em diversos países. Mateus Sá e Eduardo Queiroga apresentaram seus livros “Lugar das Incertezas” e “Cordão”, falaram da escola Livre de Imagem, do Pequeno Encontro da Fotografia e outras experiências trazidas de Pernambuco.

Além de uma reunião com grande número de participantes da Rede de Produtores de Fotografia do Brasil, coordenada pelo seu presidente, João Kulcsár.

Finalizando o Foto em Pauta, tivemos o resultado da convocatória, com a exibição das imagens selecionadas e uma fala emocionante dos fotógrafos que registraram o incidente de Brumadinho. O resultado foi apresentado por Mônica Maia e Bruno Magalhães. A convocatória de 2019 tinha como tema “Testemunhos para o não esquecimento”, e seu objetivo era reunir imagens da tragédia sócio ambiental que ocorreu em Brumadinho no início deste ano. De acordo com o site do evento, “A fotografia, desde sua invenção, é um poderoso instrumento de reconstrução histórica e cultural, mecanismo de preservação da memória coletiva. É inegável a importância da imagem como instrumento de documentação e conservação de fatos e dados



históricos. Em diversos casos, conservar fotografias se torna a única opção de preservar fragmentos do passado. Num momento onde a comunicação contemporânea se dá pela forma imagética, a fotografia se afirma como um poderoso instrumento de transformação, humana e social.”

Ao fim desta apresentação, Eugenio Savio, coordenador do Festival de Tiradentes, propôs finalizar sem palavras, com a reexibição das imagens da tragédia. Um minuto de silêncio pareceu interminável para presenciar imagens tão impactantes. Todos na plateia estavam emocionados frente à proporção do que ocorreu em Brumadinho, com danos irreparáveis para as pessoas e o meio ambiente que ali estavam.

A Sala de Fotografia participou também de um importante workshop durante o Festival de Tiradentes. Intitulado de “Reinvenções da Fotografia”, teve três encontros, e contou com seis artistas, críticos e pesquisadores de programas de pós-graduação de diversas instituições de ensino. Foi um evento que proporcionou o encontro de pesquisadores da fotografia, o que marca a ideia que a foto também pode fazer parte de um processo de pesquisa acadêmica como ciência. Nas discussões, falou-se que é importante entender o percurso histórico da fotografia, para que se possa pensar o contemporâneo. O que acontece na imagem quando ela não é apenas o instantâneo de um acontecimento? A pesquisa existe então para descobrir pistas da experiência da imagem, a dimensão de conflito de pensar o que a imagem pode revelar e o que ela pode ser.

O Festival de Tiradentes vem crescendo a cada edição. Em 2019, nesta sua nona edição, os temas e as atividades propostas foram muitas e estavam conectadas com as discussões mais pertinentes sobre o universo atual da fotografia. O tema da convocatória, inclusive, não poderia ter sido mais acertivo: com a proximidade da cidade de Tiradentes da tragédia de Brumadinho, um encontro de fotografia – esta que é uma importante ferramenta não só de documentação, mas também de denúncia – não poderia ficar impassível.



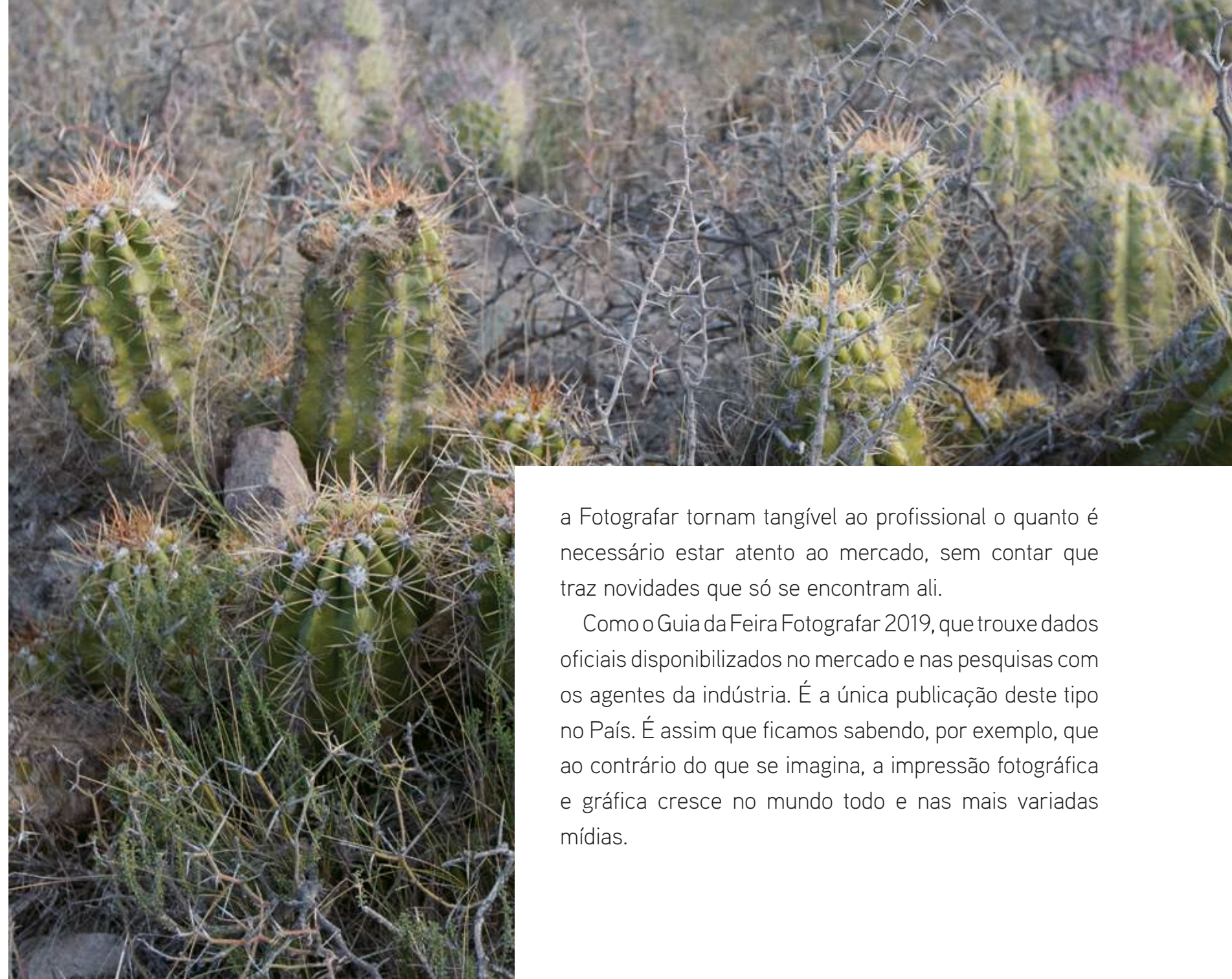
análise - congressos de fotografia

# Feira Fotografar 2019

---



Um mercado em constante transformação. Assim é o ramo da fotografia profissional. Novas tecnologias, novos comportamentos do consumidor, reinvenções e novas modas, inteligência artificial, novos números nas áreas de atuação – como o mercado de formaturas, por exemplo – influenciam diretamente no trabalho do fotógrafo. Tudo isso pode parecer óbvio, mas só se tem a real dimensão do quanto as mudanças ocorrem rapidamente quando se participa de feiras anuais como a Fotografar – a maior feira de fotografia da América Latina. A Sala de Fotografia tem participado anualmente do evento, que em 2019 chegou a sua 13ª edição e ocorreu dos dias 2 a 4 de abril no Shopping Frei Caneca, em São Paulo. E, por participar periodicamente, conseguimos mensurar melhor as novas transformações. A internet pode ser uma importante fonte de atualização, mas eventos como



a Fotografar tornam tangível ao profissional o quanto é necessário estar atento ao mercado, sem contar que traz novidades que só se encontram ali.

Como o Guia da Feira Fotografar 2019, que trouxe dados oficiais disponibilizados no mercado e nas pesquisas com os agentes da indústria. É a única publicação deste tipo no País. É assim que ficamos sabendo, por exemplo, que ao contrário do que se imagina, a impressão fotográfica e gráfica cresce no mundo todo e nas mais variadas mídias.



Para um fotógrafo que só observa o seu entorno, é compreensível que ele caia na falácia de acreditar que ninguém mais deseja imprimir suas fotos. Mas eventos como a Fotografar podem dar a energia que falta para quem fica preso a suas próprias ideias, em seu estúdio. Houve reduções significativas no mercado, é verdade, e vem caindo anualmente o consumo em praticamente todos os setores fotográficos. Mesmo assim, em 2018, foram consumidos 10 milhões de m2 de papel fotográfico. O que avança agora são os papéis gráficos, que representam 2,7 milhões de álbuns gráficos impressos no ano anterior – um crescimento de 5% a 7%, resultado do recuo gradual do papel fotográfico no Brasil.

Dois setores da fotografia que apresentam crescimento são os da indústria de drones e de fotocabinas. A fotografia instantânea em eventos também vai bem, ainda de acordo com o Guia Fotografar 2019. É preciso estar atento a esse movimento da foto na hora, já que a Fuji revelou recentemente dados sobre a Instax, câmera que imprime na hora a foto. A empresa divulgou que está perto de bater a marca de 1 milhão de câmeras vendidas por mês no mundo. Para a Fhox, quem consome esse tipo de fotografia são os jovens da geração de smartphones que veem na foto no papel uma grande novidade.

Mas a importância de participar de eventos de fotografia vai além destes números tangíveis. Ela também avança na força do coletivo. Ver tanta gente interessada em crescer, com corredores sempre lotados, confere uma energia importante para fotógrafo nenhum achar que é uma ilha e está isolado. Foram milhares de pessoas que passaram por lá e centenas no Congresso Fotografar, interessadas em novidades, lutando para que a fotografia profissional se torne cada vez mais relevante na nossa sociedade. Além, é claro, de realizarem um networking fundamental, possibilidades de formar parcerias pra crescer juntos e descobrir novidades que podem impulsionar

novas ideias, como novos materiais e novas formas de impressão. Muitos estandes estavam ocupados por encadernadoras, preocupadas em entregar boas soluções econômicas e também mais sofisticadas a fotógrafos.

Vimos também os participantes interessados em procurar o diferencial, em se destacar no mercado. A Sala de Fotografia, neste ano, expôs na Feira Fotografar as roupas da grife da nossa diretora Liliane Giordano Arte em Roupas, com vestidos, blusas, moletoms, tênis estampados com as suas fotos. No nosso estande, a grande procura foi por querer também estampar suas fotos em roupas, mostrando que fotógrafos têm interesse em sair do tradicional.

### **Os estandes e os prêmios**

Os maiores estandes eram de encadernadoras e empresas de impressão, e os das câmeras das marcas Canon e Fuji. Neste ano, os congressistas tinham um horário de visitação exclusivo à feira, uma hora antes da abertura ao público geral, o que facilitava para que eles não perdessem nenhuma palestra e ainda assim pudessem conferir com calma as novidades.

Outra novidade de 2019 foi que o Congresso mudou de andar no Shopping, e passou a ficar junto à feira. Isto também foi uma boa ideia, pois ficou mais integrado ao evento, e o público não precisava se deslocar tanto. O Congresso de Formatura também ficou no mesmo espaço, ao lado da Feira, deixando tudo muito próximo – este que é um importante espaço da Fotografar, já que houve uma elevação de 10% no número de empresas de formatura no último ano de acordo com o Guia Fotografar 2019. Ou seja, é um mercado para o qual os fotógrafos precisam estar atentos a novas oportunidades, já que o mercado de educação cresce mesmo na crise e o número de formandos aumenta anualmente.

Apesar de o shopping contar com uma grande praça de alimentação, a organização da Feira se preocupou em colocar dois estandes de comida e bebidas dentro do evento, o que foi excelente, sobretudo para os expositores que não tinham tempo de se deslocar.

Os menores estandes eram os que comercializavam itens para fotografia newborn. Eram diversas empresas que vendiam estes acessórios, mas a nós pareceu que este mercado pode começar a mudar, com fotos mais limpas, privilegiando cada vez mais o bebê e não o seu entorno. A Fotografar promoveu em 2019 o terceiro Prêmio Newborn Brasil, cujas 50 fotografias finalistas ficam em exposição no Shopping durante a Feira. O que notamos é que algumas das imagens ganhadoras deste ano já exibem essa característica de uma foto com menos elementos. Ainda, uma das palestrantes do Congresso Fotografar foi a fotógrafa francesa Deborah Cacciola, que aposta numa fotografia mais clean, com cores e adereços simples, e cujo foco é sempre o bebê.

Acompanhamos o Prêmio Newborn desde o início. Percebemos que neste ano as fotografias ganhadoras, não só do prêmio newborn, mas também do prêmio de melhor álbum de fotografia de casamento do país, realmente aumentaram o nível da competição. O que revela que um dos propósitos das premiações vêm sendo cumprido, já que um de seus objetivos é a de revelar novos talentos e estimular a evolução da fotografia.

## opinião

Não é à toa o sucesso da Feira fotografar. A Fhox é uma empresa preocupada em elevar o nível do mercado como um todo, e não apenas em visar lucro. Ela se preocupa em acolher as necessidades dos fotógrafos, e aumentar seu nível, promovendo o guia que traz números reais do mercado, bem como podcasts e textos constantes que trazem esse panorama da profissão. Ainda, seus diretores estão abertos a ouvir sobre novos projetos sempre e viajam pelo Brasil em busca de histórias de sucesso de fotógrafos. É o melhor de um jornalismo especializado, que procura englobar as diferentes áreas da fotografia, tanto na revista impressa, quanto em seu site e blogs.

A Fhox se preocupa ainda na manutenção desse mercado, ajudando a criar uma associação que dá voz e fortalece esse ramo. Exemplo disso é o Fórum de Formatura. Ainda, promoveu o lançamento do Movimento Imprimir para conscientizar os fotógrafos a incentivar seus clientes a ter fotos em papel, pois é só assim que o mercado ganha um futuro e a sociedade ganha memórias preservadas.





séries que todo fotógrafo deve assistir

# O Conto da Aia

Colagem sobre foto de Sabrina Didoné



Vamos começar falando da série O Conto da Aia (The Handmaid's Tale) de uma forma mais leve: preste absoluta atenção na fotografia de cada episódio. Para além do roteiro muito bem escrito, a fotografia da série é incrível: as cores, os ângulos inusitados, a beleza poética mesmo no caos fazem desta uma série imprescindível para todos os interessados em fotografia. Note o jogo de luzes, o caminho que a câmera percorre, as tomadas de cima – como se o espectador fosse onipresente, vendo tudo do alto. E preste atenção no jogo das cores dos uniformes das personagens: vermelho para as aias, verde esmeralda para as esposas dos comandantes, que formam uma uniformidade inesquecível na fotografia do seriado.

E agora vamos então à sinopse da série baseada no livro de mesmo nome da canadense Margaret Atwood: na história, fanáticos religiosos tomam



o poder nos Estados Unidos e formam uma nova nação chamada Gilead. Eles se fortalecem a partir das crises e tomam o poder alegando proteção contra atentados terroristas. A poluição tornou infértil grande parte da população, e as mulheres capazes de dar a luz agora precisam servir de aias, sendo estupradas sistematicamente em cerimônias para conceder filhos aos comandantes. A protagonista June é uma aia, e é por meio dos olhos dela que entendemos o que acontece nesta nova sociedade.



opinião

Às esposas oficiais, cabe o papel de serem mães destas crianças, mas proibidas de dar opiniões no que quer que seja. Livros se tornam proibidos: a punição por ler é cortar um dedo.

Mas essa tomada de poder pelos extremistas é tão sutil que as pessoas vão deixando as coisas acontecerem, lentamente, um decreto de cada vez, até ser tarde demais. Primeiro começa quando as mulheres precisam pedir autorização dos maridos pra comprar anticoncepcional. Depois as contas bancárias delas são passadas para o nome deles. Há protestos, mas as pessoas vão levando a vida como podem. Ficção, você diria? O mais duro é saber que a autora do livro se inspirou em muitas coisas reais que já aconteceram na História da humanidade para escrever a sua distopia.

A série O Conto da Aia é mais do que necessária neste momento mundial, e obviamente brasileiro, em que vamos deixando o medo tomar conta de nós como sociedade e assumimos discursos extremistas. As coisas estão ruins, é bem verdade, mas em outro tipo de regime tudo pode piorar. É esse o poder das distopias como O Conto da Aia, elas fazem com que a gente pare e reflita sobre a sociedade que vivemos. Assista à recém iniciada terceira temporada. Só prepare o estômago: as cenas são fortes e assustadoramente parecidas com o que podemos vir a nos tornar num futuro não tão distante assim. Vale assistir para refletir e questionar o ser mulher no espaço contemporâneo.



análise - festivais de fotografia

# Fest Foto POA 2019

---



Discutir algo muito além da fotografia, trazendo a arte de captura das imagens para o seu posicionamento político na sociedade em que vivemos. Assim foi o FestFoto 2019, a 12ª edição do Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre. E nada mais contemporâneo do que o tema trazido pelo evento: “Da Diáspora: Identidade, Hibridismo, Diferença”. Na verdade, a imigração e o movimento dos povos sempre são atuais, já que o ser humano, desde que saiu da África e colonizou todo o planeta, nunca deixou de se movimentar. O que é novo é a forma que tentamos lidar com isso – proibindo ou permitindo, criando novas leis mais flexíveis ou erguendo novos muros. Confira abaixo o que mais a Sala de Fotografia acompanhou no evento, de 27 de abril a 1º de maio. Neste ano, o FestFoto mudou de casa, e ocorreu na – uma edificação criada especialmente para a arte. Lá, estavam diversas exposições, que contaram com 42 artistas de 13 países.





## Residência Artística

O FestFoto 2019 trouxe um elemento de inclusão e de incentivo a fotógrafos muito importante: as residências artísticas. Ao longo do semestre, os selecionados puderam construir um projeto com supervisão e auxílio da organização do Festival. O resultado dos trabalhos estavam em exposição no Festival, e também foram tema de diversas mesas de discussão.

Uma delas foi a palestra “Um conto haitiano”, com o fotógrafo Mateus Bruxel e Maxony Vertu, com mediação de Maria Helena Bernardes. Mateus contou como começou seu envolvimento com Maxony: o haitiano estava chegando ao Brasil, quando Mateus o encontrou no Acre durante uma pauta para o Jornal Zero Hora em 2015 sobre o fluxo migratório. Mateus fez uma viagem de três dias com esses imigrantes. Mais tarde, soube que Maxony veio morar em Porto Alegre, mas perdeu o seu contato. O fotógrafo contou que este trabalho lhe gerou uma inquietação, pois ele tinha vontade de reencontrar estes imigrantes e saber como estava a vida deles agora.

Com o auxílio de um centro que dá apoio a imigrantes em Porto Alegre, Mateus conseguiu reencontrar Maxony. E descobriu uma pessoa muito alegre e sorridente – que quando chegou ao Brasil estava muito sério, fruto da dura jornada para chegar ao país, que só alcançou depois de 22 dias. E Maxony sugeriu a Mateus que agora que ele já falava português, queria fazer um filme, contar a sua história. O projeto, então, é assinado por ambos, o que cabia na ideia do fotógrafo, pois esta era a oportunidade de Maxony ter voz ativa, estar falando e atuando na sua história, e não apenas estar nas paredes do museu na exposição.

“É uma questão da empatia de olhar pro outro como alguém importante. Antes de ser jornalista fotógrafo, sou um ser humano, e a empatia vem antes de tudo.” Mateus Bruxel

Maxony e um primo já tinham filmagens feitas com celular prontas, que Mateus utilizou neste projeto. Assim, eles contam sobre a terrível travessia até aqui, via República Dominicana, Colômbia, Equador, Peru e por fim, Brasil. O filme é um testemunho sobre a vida de imigrante, um relato sobre o que viveu. Mescla, assim, Maxony contando algumas coisas pelas quais passou com filmagens feitas por eles em sua casa em Porto Alegre, em uma espécie de ficção documental.



“No jornalismo, estamos acostumado a contar verdades, mas Maxony me ensina a potência da ficção de contar uma história. Não é mais a verdade, mas uma das verdades - contam histórias por elementos que são manipulados, e assim mais que trazer uma mensagem, também carregam uma voz.” Mateus Bruxel

### **Diáspora cristã**

Outro trabalho selecionado para a residência artística foi o de Ursula Jahn, que compartilhou a mesa com Rochele Zandavalli. Ursula também se apropriou do vídeo para mostrar o seu projeto: na obra, intitulada “GÊNESIS 3:5-6” ela separa os



ingredientes, faz a massa e todo o processo de trabalho de uma torta de maçã, e então come a torta, pedaço por pedaço, até o fim. Sua ideia é demonstrar que a mulher geralmente cozinha para servir a alguém, mas na sua obra, ela cozinha para servir a si mesma. Sua inspiração vem do Gênesis, livro da Bíblia, e do fardo que as mulheres ainda carregam da diáspora humana da expulsão do paraíso.

“Ainda há culpa na mulher na nossa sociedade por ter comido a maçã. No vídeo, devoro completamente a torta de maçã pra nos livrar da culpa que nós mulheres carregamos nessa sociedade, como se violência sexual e doméstica fosse nossa culpa. Ou seja: ser Eva quando nos queriam Maria.” Ursula Jahn

Foi muito interessante ver este projeto no FestFoto já que, quando pensamos em diáspora, tendemos a relacionar com as migrações atuais. Ursula traz um outro tipo de diáspora, ou seja, a diáspora fundamental de todo ser humano, de acordo com cristianismo, que é a expulsão do paraíso, e a culpa que a mulher carrega nessa sociedade.

Já a artista Rochele Zandavalli participou da mesa ao lado de Ursula devido a ligação dos temas de seus trabalhos. Em um de seus projetos mais recentes, Rochelle se apropriou de imagens que mostrassem mamilos nas redes sociais – imagens estas que estavam

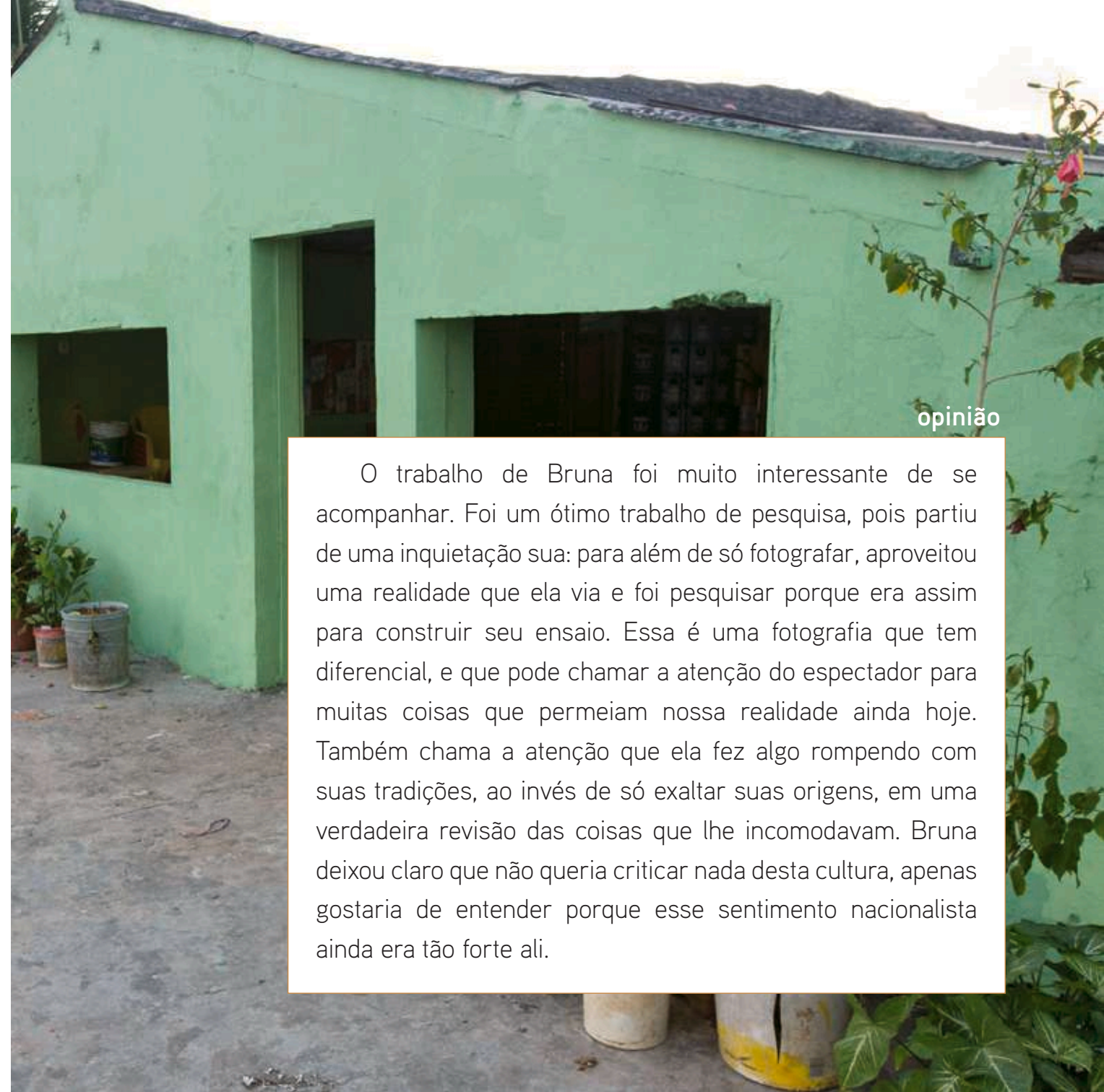
sendo censuradas, e que gerou protestos mundiais por meio da hashtag #freethenipple. Isto porque o algoritmo bloqueava as fotos mais pelo mamilo em si, e não pelo contexto de sexualização. O mamilo nem sempre é representativo de pornografia, mas sim da própria natureza feminina. Depois, ela fez um vídeo com todas essas fotos que copiou da internet, que também foi censurado, apesar de ela ter tido o cuidado de não mostrar nenhum mamilo no projeto.

### Descendência

“Pequena Alemanha” foi mais uma palestra com convidadas da seleção de residências artísticas do Fest Foto POA 2019 que a Sala de Fotografia acompanhou, composta por Bruna Engel e Larissa Hansen.

O projeto de Bruna remonta às suas raízes: ela retratou e pesquisou comunidades formadas por descendentes de alemães nas cidades de Montenegro, Pareci Novo, Maratá e Nova Petrópolis, região onde sua família reside. O projeto nasceu de sua estranheza quanto ao nacionalismo alemão ainda muito forte nestas localidades, que carrega um orgulho de sua descendência germânica, apesar de às vezes já ser a sétima geração a nascer em território brasileiro.

Bruna explicou que, no início do novo século, tivemos uma nova onda imigrante com ideias germanistas, querendo fundar uma nação alemã para além mar. E é uma ideia que vem pela cultura, por meio da dança, da música, da gastronomia. É por isso que as tradições são tão fortes até hoje: filhos e netos viveram isso e ainda preservam os costumes. De 1820 a 1930, mais de 200 mil imigrantes vieram ao Brasil, e o Rio Grande do Sul alocou mais de 50% dessa população.



opinião

O trabalho de Bruna foi muito interessante de se acompanhar. Foi um ótimo trabalho de pesquisa, pois partiu de uma inquietação sua: para além de só fotografar, aproveitou uma realidade que ela via e foi pesquisar porque era assim para construir seu ensaio. Essa é uma fotografia que tem diferencial, e que pode chamar a atenção do espectador para muitas coisas que permeiam nossa realidade ainda hoje. Também chama a atenção que ela fez algo rompendo com suas tradições, ao invés de só exaltar suas origens, em uma verdadeira revisão das coisas que lhe incomodavam. Bruna deixou claro que não queria criticar nada desta cultura, apenas gostaria de entender porque esse sentimento nacionalista ainda era tão forte ali.

“Não criminalizo essa prática cultural da qual eu também faço parte. Minha crítica é a aura de superioridade. Quero ajudar a quebrar o estereótipo romântico que existe nessa descendência. E só se quebra ao se mostrar.” Bruna Engel

Já Larissa Hansen fez um projeto de exaltação de suas origens. Ela contou que é de Tupandi, e que sentiu preconceito ao chegar na universidade, como se por ser do interior, seu lugar não fosse ali. Assim, começou a fotografar seu entorno, seu pais agricultores. Seu objetivo era mostrar outros saberes, quebrando a ideia de que pessoas do interior não podem ocupar espaços intelectuais ou que sabem menos do que pessoas que vivem em metrópoles. No fim, produziu um vídeo que mostra o cotidiano no interior, falado em dialeto alemão com legendas em português, nos quais os personagens são seus pais no seu trabalho cotidiano.

“A realidade é muito subjetiva, mas por eu crescer naquele lugar me pareceu sempre que aquilo era real. Sempre me perguntei porque eu fotografo o que fotografo. Por ter crescido naquele ambiente, não precisei me livrar de estereótipos pra fotografar. E geralmente o fotógrafo registra o outro, mas eu não fotografei o outro, fotografei a mim mesma.”

Em um momento marcante do festival, a professora de fotografia Marina Chiapinotto, que estava na plateia, deu voz aos personagens do vídeo, exaltando que a fotografia e arte cumprem seu papel nesses deslocamentos, já que Pedro e Lúcia vieram do interior para ingressar pela primeira vez no cubo branco (como são chamadas as galerias de arte). Talvez a frase mais marcante do vídeo tenha sido dita pela mãe de Larissa, Lúcia: “eu sempre digo que ninguém volta para casa mais bobo do que saiu”. Frase de sabedoria simples, mas que não poderia traduzir melhor o que sentimos nestes dias de FestFoto 2019.



opinião

Larissa exalta suas origens, querendo mostrar a todos que de onde vem é bom, de uma forma bucólica, nostálgica. O que não a desqualifica, porque, tal como Bruna, ajuda a quebrar um estereótipo, neste caso, de achar que quem está no interior é ingênuo. Na obra dela, notamos uma espécie de retrato em vídeo como vimos no evento Jornadas 11, no Uruguai, na apresentação de Marcelo Barbalho na sua tese de doutorado. Nos retratos filmados, a câmera fica parada, e os personagens se colocam como se estivessem sendo fotografados. Eles são uma volta a longa exposição na fotografia, como era no seu início. Mas agora, ao invés de achar ruim, está aberto ao inesperado, está à espera da ação.

O trabalho de Larissa e Bruna se junta ao de Mateus e Maxony e também de Ursula na residência artística e usa o vídeo como plataforma. Fica claro a influência da residência, então, de servir como instrumento pra tirar fotógrafos da sua zona de conforto e construir diferentes narrativas. Além de dar oportunidade a novos talentos da região e aproximá-los da comunidade.

## Imigração no Século XX

Uma das primeiras palestras do Fest Foto POA 2019 foi determinante para o público entrar no tema do evento deste ano. Enrico Stefanelli, diretor do festival de fotografia Photolux, de Luca, na Itália, falou como o tema da imigração foi tratado por lá, que adotou este assunto em 2017. Ele também fez uma brilhante retrospectiva de fotos do século XX sobre o tema.

“Desde que existe homem, existe imigração: ponto que queríamos deixar claro pra quem é não é a favor e pra quem usa do medo contra esse fenômeno.” Enrico Stefanelli

O diretor explicou que no festival, procuraram chamar a atenção do público para o fato de que os italianos também são um povo de imigrantes. Por meio das fotos, mostraram dificuldades que italianos sofreram quando eram eles os imigrantes, sobretudo nos Estados Unidos, onde sofriam preconceitos.

Durante sua fala, Enrico exibiu muitas fotos históricas para a plateia. Depois de mostrar muitas imagens do início do século, da época das imigrações italianas para o resto do mundo, ele passou para o fluxo contrário: a partir dos anos 1970, a Itália passou a receber imigrantes. Por fim, ele chegou nas imigrações modernas, como em 2015, quando o país recebeu 800 mil imigrantes, com grande afluxo de pessoas que fugiam da guerra na Síria. Um dos vídeos exibidos da guarda fronteira italiana trazia imagens muito fortes sobre o resgate no mar aos imigrantes. Outro vídeo, este do fotógrafo Francesco Zizola, trouxe todo o sofrimento das migrações modernas para o público.

Mais um tema que o festival da Itália procurou retratar foi a integração: os imigrantes convivendo na sociedade italiana, inclusive com trabalhos qualificados, com ocupações conceituais como pinturas e esculturas.



opinião

A palestra de Enrico Stefanelli foi excelente, capaz mesmo de alterar percepções sobre o tema por meio de imagens fortes e argumentos contundentes, baseados em fatos históricos. Ele fez muito mais que só mostrar como é seu festival e fazer divulgação, ele realmente mostrou e contextualizou a crise, mostrou fotos e vídeos e soube responder as questões do público sobre a imigração na Itália e a realidade de seu país. Palestras como esta enriquecem muito a percepção do público sobre o poder da fotografia, mas não só: enriquecem sua visão de mundo.

## Cidades

“Se foto serve pra olhar o mundo, que essas exposições sirvam pra gente discutir o mundo. E não fique só fotógrafos falando de fotografia em uma retro alimentação de portfólio.” Marco Antonio Filho

Foi com esta frase marcante que o mediador da palestra “Urbe global, cidades randômicas” iniciou os diálogos com Letícia Lampert e Lívia Pasqual. De fato, a fala das duas artistas serviu para que o público pudesse repensar o espaço ocupado pelas cidades nesta sociedade contemporânea.

Letícia contou sobre um projeto no qual fotografa as cidades a partir das janelas de onde não é possível ver o céu, apenas outros prédios. Assim, ela procura instigar o olhar para aquilo que falta, que não está ali.

“No momento que não vejo mais a cidade, só vejo a vida do outro, e não a paisagem, e conseqüentemente eu também estou na vitrine. Comecei a visitar prédios em Porto Alegre, observando, por um lado, a paisagem que não vejo e, por outro, a vida que brota pelas janelas. Visitei ambientes de vida privada, e só fotografei lugares que não aparecia céu de jeito nenhum. Quando você apaga a referência geográfica da cidade, apaga a sua identificação, assim ficam todas iguais. Pra mim, minhas fotos não são coleção de prédios, mas uma coleção de paisagens barradas. As pessoas, ao verem meu trabalho, acham que foi fotografado na sua cidade, por mais que não seja, e pra mim isso é muito emblemático.” Letícia Lampert

Em outra série de seu projeto, Letícia passou a recortar e editar pedaços do céu que sobravam em suas fotos, apenas nesgas. Depois, passou a fazer o mesmo com o verde que sobrava na cidade, chamando a atenção para o quão pouco era. Ainda, faz colagens, encaixando prédios de diferentes cidades.

“Causar um estranhamento na imagem é um jeito de fazer a pessoa parar nela, sem só passar por alguns segundos. Tenho vontade de fazer o olho parar, que é uma resistência a essa rapidez. Gosto quando alguém diz que, depois de ver meu trabalho, fica só reparando no espaço entre prédios. Ou seja: a imagem modificou seu olhar.” Letícia Lampert



## História

Uma mesa que deixou claro que o Fest Foto veio não para discutir apenas fotografia, mas também o nosso importante período histórico foi a composta por Gabriel Carpes e Clarice Speranza, com mediação de Marco Antonio Filho. No diálogo “Faltam mil anos de história”, Gabriel contou um pouco de seu trabalho no auge da crise política, nos quais muitos protetos ocorriam nas cidades, entre 2016 e 2018. Como artista, ele sentiu uma ânsia de registrar o que estava ocorrendo, mas logo começou a fotografar o entorno desses movimentos.

Gabriel contou que começou a fotografar outras coisas ao redor desses protestos, momentos que não pertenciam a isso, como cenário urbano de Porto Alegre. Assim, registrou como centros urbanos estão mudando nessas três décadas. Nesse ambiente, ele começou a ver uma melancolia, uma futilidade em muito das coisas que haviam sido construídas dentro dessas cidades. “Como se a crise fosse um grande barulho, e estivéssemos brigando por algo que não sabíamos bem o que era”, definiu.

“O espaço construído é a mais forte manifestação de um tempo, é o que ecoa para além de nossas vidas. Passamos tantos anos construindo, e isso agora me parecia fútil. Comecei então a entrar nesses espaços à procura de onde a crise se manifestava, e passei a entender que estava à procura das imagens dessa crise, que imagens escolhemos pra ela, o que esses espaços podiam criar no meio disso, como por exemplo um prédio do governo, que imagem isso passa? Talvez seja o fim da redemocratização brasileira, mas isso é algo que só pode ser definido no futuro. Seria então um pequeno pedaço de um retrato de uma época.” Gabriel Carpes

A mesa trouxe Clarice Speranza, que é jornalista com mestrado e doutorado em História. O mediador Marco Antonio Filho explicou a importância de ter alguém com este conhecimento na palestra: expandir a fotografia a fim de discutir as questões do mundo, e não ficar apenas falando de questões estéticas. Seu objetivo era analisar também o trabalho de Gabriel perante o período histórico.

“Nossa geração viveu um momento de ápice da nossa democracia, e quando há ruptura, às vezes nosso movimento é botar tudo abaixo pra começar tudo de novo, e é bom buscarmos pra ver como funciona. Nos falta pensar as coisas de outros pontos, para além de nosso cotidiano extremamente limitado.” Marco Antonio Filho

Clarice explicou que precisamos evoluir da perplexidade pra uma análise mais racional dos fatos.



“Como o futuro vai nos ver é uma questão, mas como nós estamos nos enxergando? Vivemos tempos difíceis, mas serão tempos que vão mudar o mundo. Se pra melhor ou para pior não se sabe, não nos cabe julgar. Nos cabe viver e lutar pra que seja o melhor.” Clarice Speranza

O diretor do Fest Foto, Carlos Carvalho, participou da conversa, colocando a sua angústia perante a nossa incapacidade de prever os fatos.

“Vejo que trabalho do Gabriel é quando ele se afasta, que é quando começa a fotografar o acontecimento político, já que as manifestações são só espasmos. Eu não vejo esse alerta na história que eu vejo no trabalho do Gabriel. Não quero mais ser iludido pela sequência de fatos. Quando ele narra nesse trabalho que apresenta, é isso que sinto falta na nossa construção de história. Acho que isso é um desafio não só pra história, mas para a sociedade que compra muito fácil as versões. E a surpresa que temos diante dos fatos se baseia na nossa ignorância. Se soubéssemos fazer a leitura correta, a única dúvida seria quando aconteceria. Se ela nos pega apáticos, sem saber o que fazer, é porque não sabemos o que acontece. Não estou culpando a História ou historiadores, mas deve vir da sociedade essa exigência. São reflexões e angústias minhas. Se vejo trabalho da fotografia contemporânea quase que intuitiva dos fotógrafos, não vejo correspondência da sociedade de entender os outros lados da questão.” Carlos Carvalho

Para Clarice, é preciso pensar com perspectivas de que, se algo está desmoronando, algo também está sendo construído, já que o desalento também pode nos trazer uma espécie de cegueira. Para isso, ela cita a mudança no ensino de história, que busca incluir novos sujeitos, como mulheres e escravos.



“A questão da História é que só se consegue compreender com certo distanciamento, com o decorrer dos anos, e não no presente. Há sim mudanças, mesmo que em nível micro, e é importante que a gente se dê conta disso.” Clarice Speranza

Gabriel lembrou então do que Clarice citou no início de sua fala: como era difícil para pessoas que viveram durante a época da Revolução Francesa - foi horrível para quem a viveu, mas depois ela mudou o mundo.

“Eu acho que esse momento que vivemos também vai ecoar, eu só não sei se ele vai ecoar de uma forma diferente do que sentimos. A nós, artistas, cabe registrar esse momento. A História também se estuda muito com arte. Arte que nos informa sobre história em diferentes níveis.”

Gabriel Carpes

O fotógrafo lembrou que muito se falou do desfile da Mangueira deste ano - escola de samba do Rio de Janeiro, que fez uma releitura de heróis nacionais, e exaltou heróis negros e índios. Houve críticas falando que não era a História oficial, mas no fim, conforme afirmou Gabriel, se descobriu que o enredo era baseado na História produzida pela academia. Ele ainda lembrou que também se crítica muito que determinado fato não está dá na mídia, mas depois alguém vê que estava sim. “Uma das vantagens da democracia é que há vários pontos de vistas, Vários concordam com a gente. Mas vários discordam também.”

O mediador Marco Antonio questionou a Gabriel porque registrar uma manifestação, já que, para um historiador do futuro, bastaria olhar linhas do tempo do Facebook para ter acesso a muitas imagens destes momentos.

“O fotógrafo não precisaria ir nessas manifestação por isso. Qual papel do fotógrafo nesses momentos de crise? Porque fotógrafo lida com a superfície do mundo, e em momentos de crise o que está mais evidente é a manifestação.” Marco Antonio Filho

Para Gabriel, a resposta está em perceber a oportunidade de que o óbvio já estava sendo feito, o que permitiu a ele se aprofundar em outras questões.

“A vantagem de nosso tempo é que tem muitos fotógrafos, que também foi por isso que resolvi abordar esse tema de um jeito mais sutil. Até porque as fotos que devem existir das manifestações, já estavam sendo feitas por outras pessoas que talvez tivessem outros meios pra registrar. O fato de que tinha outros fotógrafos fazendo isso me permitiu fazer o que fiz. Se pensar no início da fotografia, que era ferramenta de registro, eu não poderia fazer isso. Temos que tirar vantagem dessa inundação de imagens. Nosso papel é contribuir para o retrato de um tempo. Com nosso ponto de vista, que ache que é o melhor. Existe o suficiente de nós pra falar de tudo, e temos que contribuir positivamente para o retrato de algo. Porque é tempo de vermos que nenhum de nós vai conseguir o retrato de algo sozinho por inteiro.” Gabriel Carpes



Mais do que trazer respostas, esta mesa do Fest Foto trouxe excelentes perguntas, e permitiu a todos perceber que o que nossa época representa só poderá ser compreendida no todo no futuro. Mas é por isso que a arte é tão importante, já que ela também é um retrato de sua época, tal como pode ser a História. A arte é um ótimo local para transferir não as nossas certezas, mas o que estamos enxergando no momento, nossas angústias perante o que isso representa, e o que estamos tentando fazer para construir nosso futuro. O trabalho de Gabriel, apenas por suscitar este tipo de questão, já teria sido absolutamente bem sucedido. E é isso que a arte precisa, às vezes: levantar a bandeira da dúvida, do questionamento, do aprofundamento do que está por trás do barulho, do que se esconde nas esquinas tranquilas que estão à margem das manifestações, no que está escrito no silêncio para além do barulho dos protestos.

Talvez, o que nos caiba é recontar a história muitas vezes, sob muitos pontos de vista, até que possamos entendê-la no futuro. E o papel da arte é ser um dos instrumentos dessas vozes, seja na fotografia, na literatura, na pintura, na escultura. É como nos disse a escritora Valeria Lusielli:

“Nesse meio-tempo, enquanto a história continua, a única coisa a fazer é contá-la de novo e de novo, à medida que ela se desenrola, se desdobra e se bifurca, enovelando-se em torno de si mesma. E ela tem que ser contada, porque antes que qualquer coisa possa ser entendida, precisa ser narrada muitas vezes, em muitas palavras diferentes e de muitos ângulos diferentes, por muitas mentes diferentes.”

Frases do livro *Tell me How it Ends*, da escritora Valeria Lusielli. Presentes no ensaio do crítico literário James Wood. Publicado originalmente na revista *The New Yorker* em fevereiro de 2019 e traduzido para o português por Renato Marques. Disponível no blog da Cia das Letras.



## América do Sul

A última palestra do domingo no Fest Foto trouxe o fotógrafo Ignacio Iturrioz, vencedor do Prêmio Uruguio de Fotografia para falar sobre o seu projeto “Purgatório”, com mediação de uma das diretoras do festival, Sinara Sandri. Ignacio mostrou suas fotos, que também faziam parte das exposições do evento. Nelas, ele retratou a vida de 900 moradores do Palacio Savio, icônico edifício que se encontra na principal Praça de Montevideú. A sua fachada é muito fotografada por turistas, mas a maioria das pessoas não faz ideia do que se passa em seu interior – não há janelas, não tem água no verão, seu elevador está sempre estragado. Quem vive ali são pessoas à margem da sociedade.

## opinião

As fotos de Ignacio são ótimas, e o projeto é muito interessante. E a conferência com ele se tornou ainda mais importante devido às perguntas feitas pela mediadora Sinara, que permitiram ao fotógrafo se aprofundar no tema e fazer reflexões sobre o que retratou. Este é um ponto que precisa ser pensado: o papel do mediador nas palestras. Mais do que servir de apresentador, ele deve de fato perguntar, fazer conexões, envolver os convidados e a plateia – e, mesmo quando esta última não tiver perguntas, o que é natural, pois quem assiste acabou de conhecer o projeto, deve ter questões pré-estabelecidas para falar com os convidados no palco.

Outra mesa mediada por Sinara foi a intitulada “Sonho Sul Americano”, com o fotógrafo chileno Cristian Ochoa. A mediadora pontuou que o festival iniciou com uma palestra sobre a rota de imigração no Mediterrâneo, e finalizou com uma rota migratória na América do sul – o que é muito importante, pois tendemos a pensar que isso não ocorre próximo a nós. Mas, como aprendemos nesta palestra, a Colômbia lidera no número de refugiados internos no mundo, devido a problemas por guerras e conflitos internos.

Cristian, que também é um migrante, retratou a questão da imigração de colombianos para o Chile, que é seu país de origem, sobretudo para Antofagasta – cidade na qual ele foi morar. Ele mesclou fotos e textos em seu projeto, feito em 2013. O fotógrafo explicou, na sua palestra, sobre os embates na população chilena, sobre quem era contra e quem era a favor dos imigrantes colombianos. A mídia chilena, muitas vezes, transmitia informações falsas contra imigrantes, reproduzindo discursos de poderes estabelecidos. As multas, quando ocorriam, eram irrisórias. Ele ainda fez outros projetos com imigrantes, como entregar câmeras descartáveis a eles. Outra ideia sua foi que filhos de imigrantes explicassem o processo de imigração dos pais por meio de fotos.

## Exposições

Para além das 12 exposições dos projetos

de residência artística, o Fest Foto seguiu a sua tradição de trazer excelentes mostras visuais a Porto Alegre. Eram 54 trabalhos que ocuparam as salas da Fundação Iberê Camargo, desde convidados, até mostras coletivas temáticas e selecionados na convocatória, de diversos países, como Brasil, Argentina, Irã, Canadá, Bélgica, entre outros. Todas com o tema referente ao evento. Desta forma, as exposições estavam muito fortes, tanto em imagens quanto em conceitos, mas era necessário, já que não tem como falar de diáspora de uma forma leve.

Talvez a mais leve fosse a que mais chamasse a atenção, o projeto Humanae, da artista carioca radicada na Espanha, Angelica Dass. Angelica tem feito retratos de pessoas ao redor do mundo, nos quais a cor de fundo da fotografia se relaciona à cor que ela registra em uma parte específica do rosto de cada um, deixando em evidência o tom de pele. O resultado é belíssimo e inspirador - traz uma sensação boa de linearidade e igualdade entre todos nós. Na exposição, notamos que mesmo entre indivíduos que costumamos nomear como de mesma cor, tem tons de pele bem diferentes no fim. Que superioridade ou inferioridade poderia ser proclamada então, se somos todos tão únicos?

As exposições estavam divididas em três eixos temáticos: deslocamentos e diásporas de populações por fatores políticos, econômicos ou crises ambientais; o híbrido como resultado do contato e resistência entre pessoas; a reconfiguração de sentidos pela dispersão de imagens.



Mais uma vez, a fotografia nos transporta para uma realidade diferente da nossa e nos faz ter contato com o mundo de outras pessoas. Isso é de praxe nos festivais de fotografia que frequentamos: aprendemos sobre outros assuntos a partir dos projetos fotográficos. Mas o que o Fest Foto fez em 2019 foi ainda mais além. O impacto das palestras e das exposições fez com que o espectador pudesse, de fato, se tornar mais humano, mais empático com a situação vivida por milhões de pessoas ao redor do planeta que precisam deixar para trás suas casas e se aventurar em uma terra distante em busca de uma vida melhor. Não há como ficar passivo vendo tanto sofrimento – mas não foi só por meio do sofrimento que nos sensibilizamos a respeito da diáspora no festival. Os argumentos apresentados, a noção de que o ser humano é, por natureza, um ser que imigra, já que todos nós temos como ancestral comum os africanos, nos fez entender de uma vez por todas que as fronteiras são muros fictícios inventados por nós. Não há solução fácil para a crise migratória, mas entender o seu contexto pode mudar muita coisa. E é essa aproximação com o problema que o Fest Foto trouxe.

Para além do tema pertinente e impactante, o Fest Foto está seguindo a risca seu planejamento, já inaugurado na edição anterior, de se preocupar com a geopolítica, deixando de olhar só para o local. Mas mais que isso, o

festival está muito preocupado em não ser um evento no qual os fotógrafos ficam apenas falando de fotografia. Se as imagens são um dos canais mais poderosos de comunicação neste século, temos sim que aproveitar todo o seu potencial. Não é possível que fotógrafos se reúnam apenas para discutir técnica, ou apresentar projetos apenas para provar o seu valor. Pode ser isso, mas tem que ser mais. As histórias por trás das fotos, o seu contexto contam muito mais do que como é feito o registro. O Fest Foto não poderia estar mais certo: seu papel é de promover discussões para além do universo imagético.

Mas também é, com certeza, de incentivar a fotografia, e também neste papel ele acerta. O resultado das residências artísticas prova como temos talentos locais que, incentivados e guiados, podem produzir projetos incríveis como os que vimos neste ano. Além da excelente curadoria das exposições, e das convocatórias que permitem a fotógrafos do mundo todo se inscreverem pra terem suas fotos exibidas durante o evento. E a já tradicional leitura de portfólios: foram 36 inscritos neste ano, um recorde. E o ganhador da leitura ganhou uma bolsa para participar do Festival de Fotografia de Houston, nos Estados Unidos. Todas oportunidades que, de fato, mudam carreiras. Por tudo isso, o Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre se revela em um dos mais importantes do país.

curadoria - exposições fotográficas

# Vislumbres da noiva do sol

A mostra, em exibição em fevereiro de 2019 no Museu Municipal de Caxias do Sul, fez um mergulho pelo universo particular da poeta Vivita Cartier. O projeto é de Liliane Giordano, que também assina a curadoria. Ainda, é inspirado no livro "O ocaso da Colombina", de Marcos Fernando Kirst, e conta com design gráfico de Ernani Carraro, e bordados e costuras de Valdema Paganella Giordano. Confira algumas obras e o texto de conceituação da exposição.



Vivita Cartier se perpetuou pela sua poesia. Não apenas poesia escrita, mas a poesia que compunha muitos de seus gestos. Como no ato de costurar de volta nos galhos das árvores as folhas secas no outono como uma metáfora para a prolongação do sopro vital. Ou, ainda, se intitular a Noiva do Sol e ser sempre vista de branco, no lombo de seu cavalo Bergerac, cruzando as colinas de Criúva, no interior de Caxias do Sul, onde se instalou para tentar recuperar a frágil saúde devido a tuberculose. Tudo em vão: Vivita acabou falecendo aos 25 anos, tão jovem, tão frágil, e tão talentosa, uma vida que se esvaiu no duro solo da Serra Gaúcha, onde até hoje permanece seu túmulo.

Tudo isso ajudou a criar o mito Vivita Cartier: seus escritos são escassos, apesar de marcantes e de indubitável beleza. A sua vida e a sua obra são unidas, e é impossível falar de uma sem falar de outra. Assim surge a exposição “Vislumbres da Noiva do Sol: uma jornada visual pela vida e obra da poeta Vivita Cartier”. Mais do que apenas viver a sua poesia, deixe-se carregar pelo universo particular da artista, flanando entre fotos, ilustrações, bordados, móveis de época, cartas e objetos lúdicos. E não esqueça de contribuir com o universo poético: um varal está a disposição para todos darem voz a seu lado mais criativo.

Assim, no ano de centenário do falecimento de Vivita, a sua voz nos chega mais clara do que nunca, guiando nossas criações e inspirações. A mostra pretende mais do que iluminar a vida da poeta, da qual temos tão poucos fatos concretos. Aqui, imaginação e realidade são costuradas com fios firmemente entrelaçados, cuja única lei é expandir os universos poéticos. Os fatos que sabemos dela sempre foram poucos, é verdade, mas muito mudou na imutabilidade da morte. O escritor Marcos Fernando Kirst traz a luz muito da vida de Vivita que estava escondida até agora, com o lançamento da biografia “O Ocaso da Colombina”. É desta obra que a exposição “Vislumbres da Noiva do Sol” ganhou o seu ponto de partida. Mas ela foi costurada com outras mãos, como de Valdema Paganella Giordano, responsável pelos bordados e costuras, e Ernani Carraro, criador do design gráfico.

Por fim, a ideia desta exposição é despertar nas pessoas a retomada da rima e da delicadeza das palavras. A poesia está em tudo o que nos rodeia, basta sabermos olhar. Queremos ainda instigar a retomada das cartas, a troca de segredos descritos em palavras, pois além da carga emocional que isso carrega, também é uma forma de perpetuar nossos sentimentos pelo tempo – tal como a voz de Vivita chega a nós hoje, quase um século depois, por meio de suas cartas e de seus poemas.

**curadoria Liliane Giordano**







aprendemos nos livros de fotografia

“Poderíamos dizer que as fotos convencionais são rastros filtrados, rastros codificados que mostram o desajuste entre imagem e experiência. A tecnologia que intervém na produção da fotografia não é mais que um saber acumulado. Todas as ferramentas (uma esferográfica, uma câmera ou um computador) e o conhecimento de seu manejo não constituem senão memória aplicada. Seria possível, portanto, concluir que os rastros são as unidades da memória, sua matéria-prima, e que a memória, por sua vez, é uma intrincadíssima estratificação de rastros.”

Joan Fontcuberta, 2010



análise - congressos de fotografia

# Go Image On Stage 2019

---



A fotografia tem a capacidade de transformar algo simples em mágica. E também pode registrar de uma forma poética um momento único, que vai ser guardado para toda a vida. Sim, a fotografia tem dessas nuances, e todos sabemos desta importância que as imagens adquiriram atualmente. Contudo, saber não significa traduzir isso para a sua fotografia. A busca de uma fotografia autoral é um caminho longo e que não tem uma linha de chegada para todos os fotógrafos. E essa temática foi uma das conduções do Congresso Go Image on Stage 2019: como ter uma fotografia única. E, nesta toada, o congresso trouxe não apenas fotógrafos para palestrar, mas oportunizou novas inspirações e ideias para os participantes. A terceira edição do evento mudou de casa: neste ano, esteve na Fabbrica, em Caxias do Sul, nos dias 7 e 8 de maio. E a Sala de Fotografia esteve por lá. Confira!



## Primeiros momentos

A primeira palestrante a subir ao palco do Go Image on Stage 2019 foi a fotógrafa Cris Santoro. Ela já tinha feito uma palestra cheia de emoção na edição de 2017 do evento. Cris falou sobre a necessidade de se conectar de verdade com seu cliente, em uma busca pela empatia para produzir retratos únicos.

“Se não tiver disposição de mergulhar em quem você é, não vai ter identidade na sua fotografia. Vão pra casa com essa pergunta na cabeça: como posso expressar o que quero dizer sem precisar falar nada?” Cris Santoro

Empatia também foi uma das chaves da fala de Eme Azevedo, o palestrante seguinte, que falou sobre a sua trajetória como videomaker.

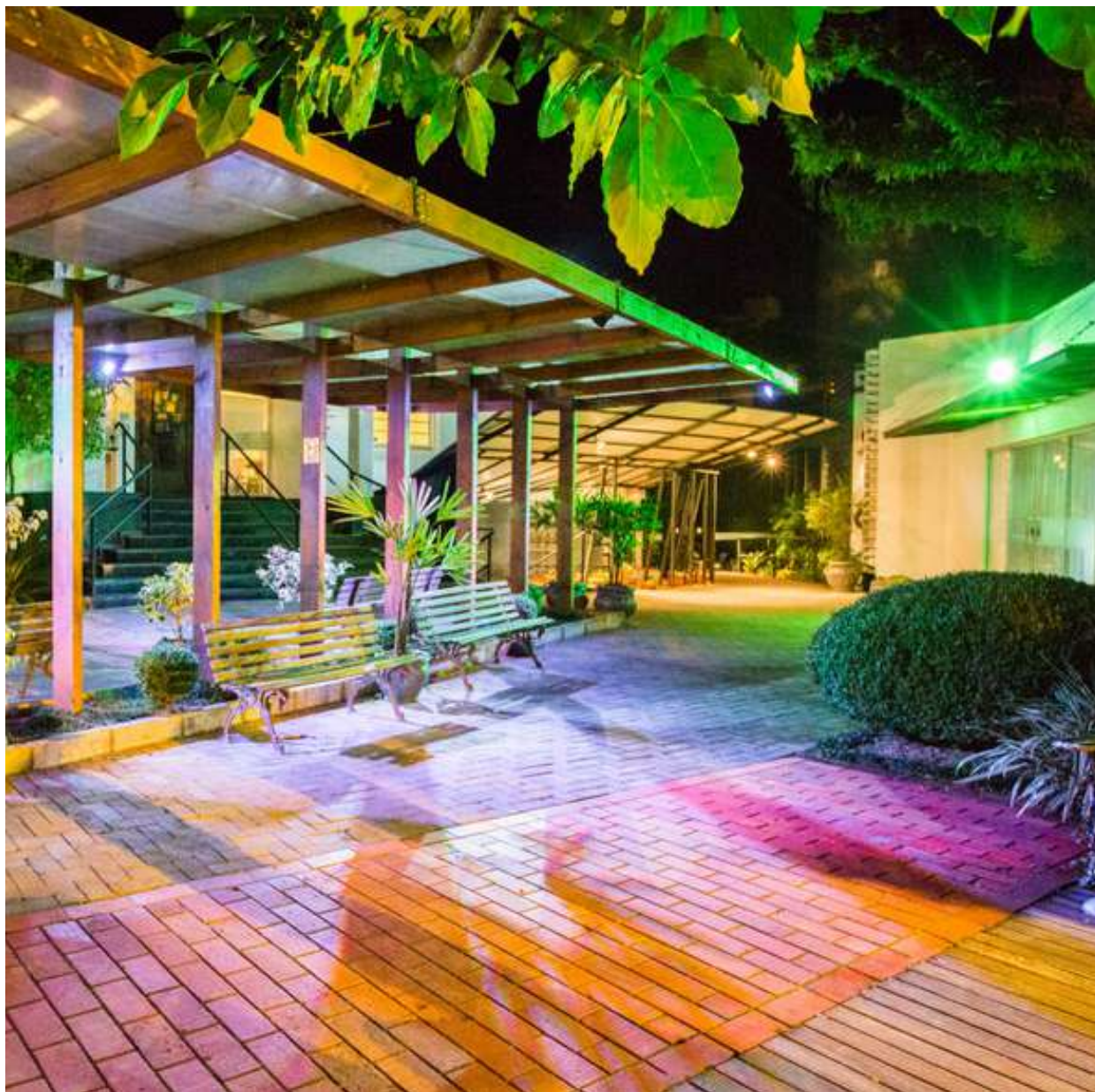
“Meu ensaio é como um encontro entre amigos. A gente ri muito e conversa, sou muito sincero. Temos o mesmo propósito, a cliente e eu: fazer um vídeo incrível, então faço da forma mais leve possível. Preciso que ela confie em mim, que tá tudo bem, que ela pode ser quem ela é sem julgamento. E enquanto estamos conversando, já vejo como ela se move para ficar tudo mais leve, pois se pedir coisas que ela não quer ou não sabe fazer, ela vai se frustrar, e eu também.” Eme Azevedo

O videomaker também incitou os participantes a nunca se contentarem com o raso na fotografia ou no vídeo. De acordo com Eme, se contentar com pouco nesta área é irresponsabilidade, já que as pessoas confiam nestes profissionais pra registrar algo muito importante na vida delas.



“Se quero que pessoas sintam emoções verdadeiras, mas produzo algo que eu não estou sentindo, quem assiste ao vídeo também não vai sentir. Antes eu produzia pro cliente, o que ele queria. Depois, percebi que eu tenho que me ver ali também. Ele ainda escolhe, mas eu me coloco ali porque eu estava lá também.” Eme Azevedo

A palestra de Eme trouxe uma história interessante de superação, pois ele já ouviu de chefes que não teria o perfil para ser videomaker, mas prosseguiu no seu sonho mesmo assim. Seu discurso na palestra foi bastante motivacional, o que trouxe uma carga emotiva ao que estava exibindo. No intervalo desta palestra, a mediadora e também fotógrafa Vivi Tomas, ao lado do mediador Marcio Prestes, lembrou a plateia de algo muito importante: perceber que nem sempre a realidade dos palestrantes pode ser a sua também. Segundo Vivi, no passado, ela ia a eventos de fotografia e se frustrava, imaginando que nunca ia conseguir fazer assim também. Mas agora aprendeu a não se comparar, pois pensa: esta é a verdade deles, eu vou achar a minha. Ela tem razão: um congresso de fotografia jamais deve ser visto como um caminho único a ser seguido, mas sim como inspiração para a sua busca pessoal.



## Criatividade

O Go Image on Stage seguiu com a palestra do fotógrafo Tomás Arthuzzi falando sobre como tirar ideias do papel e transformá-las em projetos reais. Isto porque Tomás é o responsável por muitas das imagens que vemos nas capas de revistas como Super Interessante e Galileu. Tomás deu uma verdadeira aula de como planejamento e improvisação andam juntos, ou seja, como boas ideias nascem no papel, mas depois precisam de jogo de cintura para lidar com imprevistos no estúdio. Suas fotos transmitem muita criatividade e imaginação, sendo inspiradoras também pelo domínio da técnica.

Namour Filho foi o palestrante seguinte, e mostrou um tipo diferente de criatividade: àquela necessária para se reinventar e continuar vivo no mercado de trabalho. O fotógrafo contou que começou a trabalhar neste ramo em 1994, com o seu pai. Explicou que na época de seu pai, quando se trazia uma novidade do exterior para a fotografia, poderia ficar cinco anos vendendo mais caro apenas com esta inovação. Mas agora não é mais possível, pois uma novidade hoje já pode ser apropriada por todos no dia seguinte.

“Será que estou virando um dinossauro?  
Quando comecei a me sentir assim, decidi não me entregar,  
fazer uma nova jornada. Hoje não me considero só fotógrafo,  
mas empresário e comunicador.” Namour Filho

Namour contou que então foi estudar para começar esta nova jornada. E assim compartilhou dados do que percebeu nestes estudos: se acredita que hoje uma criança de 7 anos tem o mesmo conhecimento de um imperador romano, que dominava o mundo na sua época. Ainda, até 2050 teremos uma nova classe de pessoas, que não conseguirão fazer nada, sem conseguir colocação no mercado de trabalho. Na sua área, ele aprendeu que a fotografia já está na lista das 25 piores profissões dos Estados Unidos. E que o sonho de viver da fotografia foi impulsionado pela crise: muita gente que perdeu emprego resolveu ser fotógrafo profissional. Alguns se prepararam, outros não, e muitos que só queriam seguir o sonho não perceberam que é uma profissão como qualquer outra. Muitos, inclusive, não venceram as dificuldades de administrar uma empresa própria, o que causou uma bagunça no mercado. Ao perceber tudo isso, Namour resolveu se inspirar em pessoas que deram certo, leu biografias de muitas profissões.

“Comecei a ver muitas palestras, e a conversar com muitas pessoas. Às vezes, eu ficava tímido e deixava de aproveitar oportunidades. Mas depois, pra quem elogiava meu trabalho, eu convidava pra um café no estúdio. E deu certo, empresários começaram a ir tomar café comigo. É só chamar, o medo paralisa muito as pessoas. E comecei a prestar atenção no que eles falam. Porque esses caras davam certo, então comecei aplicar também.” Namour Filho

O fotógrafo contou que aprendeu com estes empresários a necessidade da criatividade, e ela é um exercício, como tudo na nossa vida. Pra ficar mais criativo, compartimentam seu dia, organizando seu tempo para cada tarefa. Eles se atêm a uma agenda e fazem com que tempo renda.

“Não somos seres multitarefas. Seja uma alma inqueita e produtiva, fique insatisfeito, vá pra frente. Não se acomode. E alimente-se de coisas boas, o que você lê, ouve, assiste. Vocês cuidam das coisas que colocam pra dentro? A gente perde tempo com coisas inúteis. É preciso encher a nossa cabeça de coisas boas, aprender coisas que vão ajudar nossa carreira e futuro.” Namour Filho

Ele também contou que nesses estudos pra se reinventar, também percebeu coisas muito boas deste nosso mercado atual, citando exemplos como o multiculturalismo: tem espaço pra todo mundo e todo tipo de gosto, que vem junto com a abertura de novos mercados. Além disso, temos conexões infinitas, estamos há apenas três níveis de qualquer conexão no mundo, e agora é possível falar com pessoas antes intocáveis. Para Namour, isto é impulsionado por redes sociais como o LinkedIn, rede na qual ele consegue fazer muitos negócios. E ainda a oportunidade para acessar



e gerir informações, pois quem tem mais foco nestes dois consegue ter mais chances.

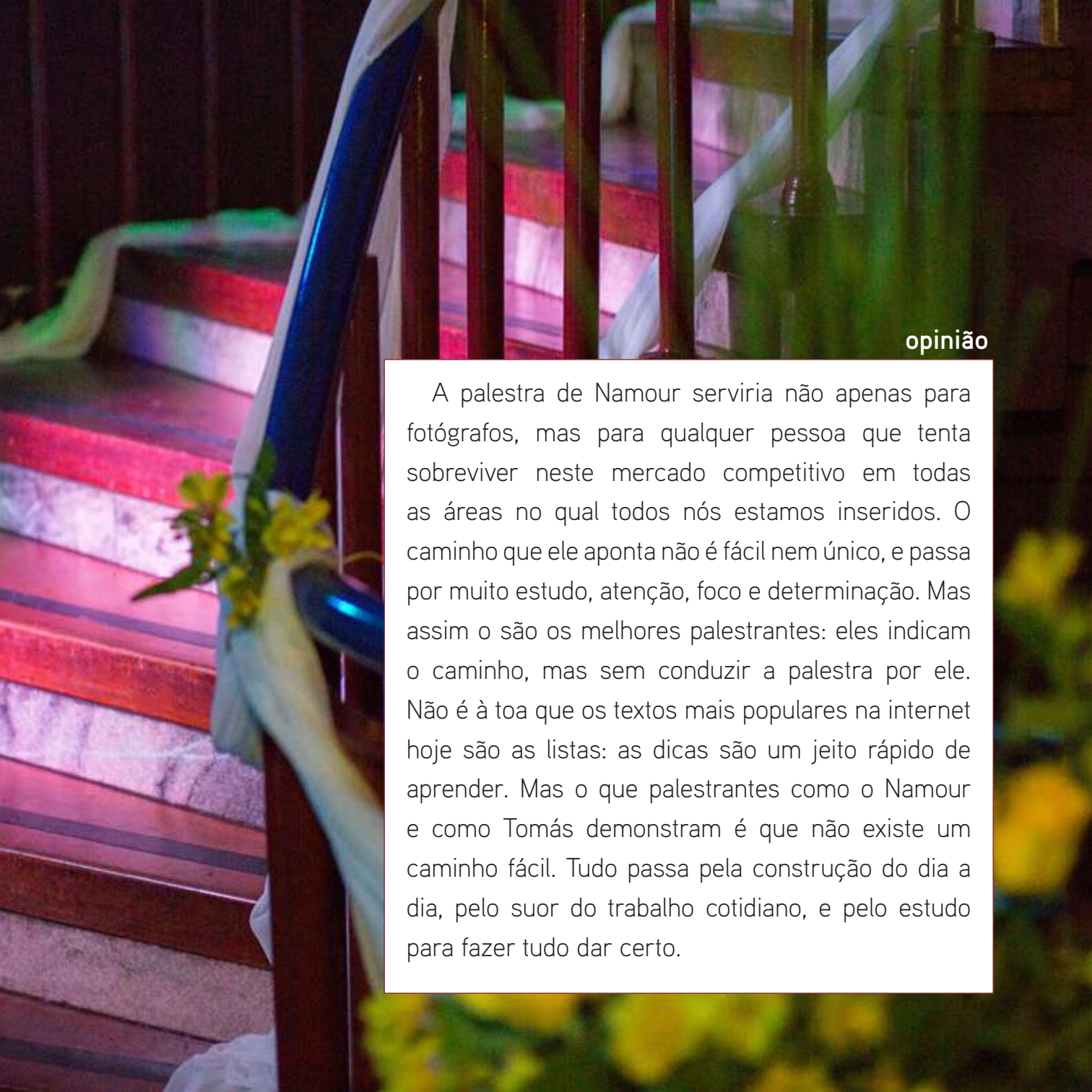
O fotógrafo ainda sugeriu que metas específicas são importantes para alcançar o que se deseja. Atualmente, o multiculturalismo traz consigo a necessidade de nichos: quanto mais focado em nichos, mais ganha autoridade e se torna especialista. “Enxergue o macro, ataque o micro, não adianta atacar tudo”, salientou Namour. Ele ainda indica treinar vendas: não adianta ter a melhor técnica fotográfica se não souber vender.

“Histórias cativam, histórias vendem. Com história, você consegue vender qualquer coisa. E não é sobre fotografia, é sobre experiências. Como aumentar os fechamentos? Controle as emoções, não demonstre necessidade. Trabalhe sua captação, não desista do cliente, ligue um tempo depois mesmo pra quem não fechou.”



“A visão para o negócio é muito importante. Tem um exercício da visão em quatro pontos: tenha generosidade, é preciso compartilhar conhecimento, amizade e atenção. Quando você menos espera, lá na frente você vai receber.

É como se estivesse plantando algo bom. Tenha gratidão, não feche a porta, não brigue. Também vá com fé e resiliência, acredite em seus sonhos, mantenha-se firme. Não precisa ser o mais rápido, mas o mais persistente. Não precisa sair na frente, vá no seu ritmo, mas não desista. Todo projeto precisa de visão, porque tem um período de maturação e precisa ter paciência pra não desistir bem na hora que poderia dar certo. E, por último, você tem que correr riscos, se ficar sempre na zona de conforto esperando, não vai acontecer. Riscos calculados são importantes e é nessa hora que você consegue as coisas.” Namour Filho



## opinião

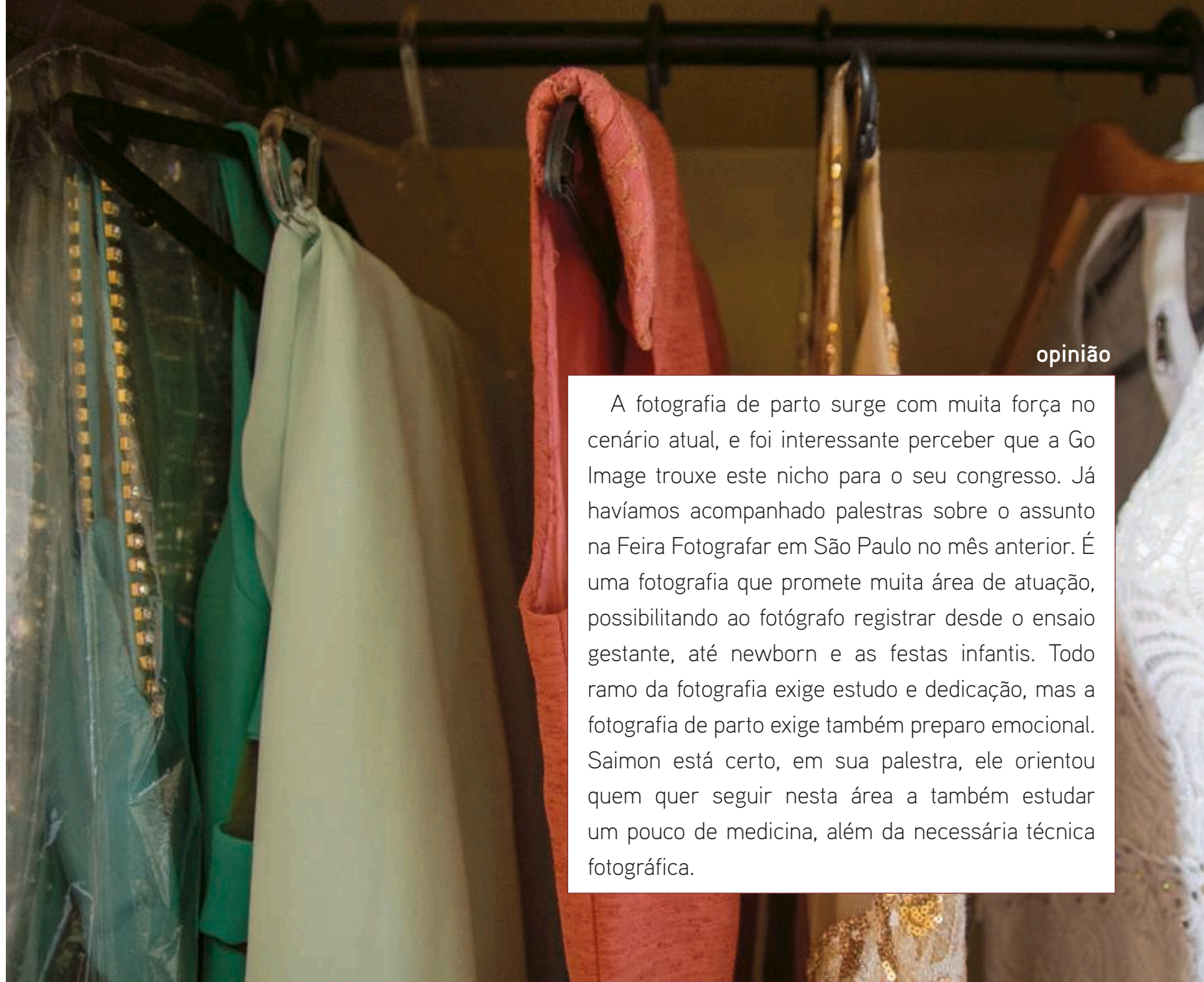
A palestra de Namour serviria não apenas para fotógrafos, mas para qualquer pessoa que tenta sobreviver neste mercado competitivo em todas as áreas no qual todos nós estamos inseridos. O caminho que ele aponta não é fácil nem único, e passa por muito estudo, atenção, foco e determinação. Mas assim o são os melhores palestrantes: eles indicam o caminho, mas sem conduzir a palestra por ele. Não é à toa que os textos mais populares na internet hoje são as listas: as dicas são um jeito rápido de aprender. Mas o que palestrantes como o Namour e como Tomás demonstram é que não existe um caminho fácil. Tudo passa pela construção do dia a dia, pelo suor do trabalho cotidiano, e pelo estudo para fazer tudo dar certo.

E isto se conecta também ao que disse o fotógrafo Lucas Lermen na sua palestra no Go Image on Stage. Lucas, que já havia participado do evento em 2017, reforçou que não se aprende as coisas com simples dicas. É preciso paciência para aprender, e não apostar no imediatismo ao ingressar na profissão.

“Me perguntam qual técnica foi usada em tal foto, porque ninguém mais quer pensar. E o pior é que tem professor que ensina dessa forma: 5 passos pra ter sucesso, 100 passos pra ser feliz. Se fosse fácil, todo mundo seria. Ensinam receita pra fazer a foto, e assim fica um monte de fotógrafos fazendo a mesma fotografia.” Lucas Lermen

Para Lucas, a receita para fazer uma fotografia única – pois quanto mais autêntica, mais valor agregado no trabalho – passa por um processo de autoconhecimento. Mas também por muitos outros fatores.

“O que te impede de chegar numa foto única? Falta de técnica. Depois que automatiza técnica, sua mente fica livre pra criar. Você pode dizer que técnica não importa depois de dominar ela e saber o que não serve para o seu trabalho. Outra coisa que te impede de chegar numa foto única são as crenças limitantes. Tudo que estudamos vai nos colocando na caixa, e cabe a nós não reproduzir. As principais crenças são: passei da idade, não sou qualificado, tenho medo de errar, eu não consigo, é tarde demais. Sou assim não consigo mudar, falta de tempo, não há nada que possa ser feito.” Lucas Lermen



opinião

A fotografia de parto surge com muita força no cenário atual, e foi interessante perceber que a Go Image trouxe este nicho para o seu congresso. Já havíamos acompanhado palestras sobre o assunto na Feira Fotografar em São Paulo no mês anterior. É uma fotografia que promete muita área de atuação, possibilitando ao fotógrafo registrar desde o ensaio gestante, até newborn e as festas infantis. Todo ramo da fotografia exige estudo e dedicação, mas a fotografia de parto exige também preparo emocional. Saimon está certo, em sua palestra, ele orientou quem quer seguir nesta área a também estudar um pouco de medicina, além da necessária técnica fotográfica.

O fotógrafo lembrou também que é importante seguir outras referências, outros hobbies, para compor a sua fotografia.

“A sorte é importante, mas vai encontrar a gente trabalhando. O potencial da fotografia que você faz está relacionado com o quanto você arrisca. É importante correr riscos, pois ele pode te levar muito mais longe. Não é na primeira vez que disserem que não é bom que a gente vai desistir. Nunca deixe de ouvir a sua intuição. Procure outras referências que vão além. Se quer que foto transmita o que tá acontecendo lá, tem que estar vivendo o que tá acontecendo, sentindo o cheiro, e fazendo parte da festa. Se só seguir fotógrafo de casamento como referência, só vou fazer igual. Inspiração igual a motivação. O que realmente te faz feliz?” Lucas Lermen

### Fotografia de família

O Go Image On Stage iniciou seu segundo dia com o fotógrafo Saimon Campos falando sobre fotografia de parto. Ele mostrou o seu trabalho e explicou à plateia as diferentes nuances do processo, desde a burocracia para conseguir entrar em hospitais, até a preparação psicológica pra acompanhar o momento. Saimon já registrou mais de 250 nascimentos, e aprendeu que são necessários muitos cuidados, como estar à disposição durante longas horas (no caso de parto normal), não fazer barulho e não interferir na cena.

“Na fotografia de parto, não se trata só de fotografia. São ambientes muito diferentes do que estamos acostumados. Este tipo de fotografia tem um impacto muito grande. É uma fotografia muito intimista, eles se abrem pro melhor momento da vida, mas é uma fase que transforma não só homem e mulher mas também a família. Eu procuro fotografar para o filho, pra mostrar pra ele como estavam o pai e a mãe no dia de seu nascimento. Os filhos vão ter muitas fotos deles depois, mas não dos pais. Quero mostrar o quanto a mãe se doou, se dedicou pra que esse momento acontecesse.” Saimon Campos



A palestra seguinte do Go Image on Stage também trouxe outro nicho da fotografia: a de newborn, mas de um jeito surpreendente: ao ar livre. A fotógrafa Fer Sanchez mostrou seu trabalho e explicou a plateia como ela torna estas fotos possíveis, mas sempre com muitos cuidados: só sair quando a temperatura está entre 27 e 32 graus, utilizar bolsas térmicas e cuidar com vento em excesso ou insetos.

## Estilo

A tarde no Congresso Go Image on Stage trouxe um assunto que fugia da fotografia, mas que tem tudo a ver com ela: moda e cores. Cris Carvalho falou sobre as conexões de cores, formas e estilos com a fotografia. A consultora de estilo começou explicando que a roupa é a maior comunicação verbal que existe, e que a cor escolhida comunica muito sobre quem se é.

“Uma pesquisa indica que, se usamos algo que não gostamos, ficamos 30% mais cansados no fim do dia. A cor fala muito da gente. Você pode estar quieto, mas a sua roupa está falando. Vocês, fotógrafos, trabalham com comportamento humano, então tem que entender de humano acima de tudo.” Cris Carvalho

Cris então descreveu os estilos universais, tais como romântico, borrô, dramático, sensual, sofisticado, criativo. De acordo com sua explicação:

- estilo romântico: não tem nada a ver com leveza. Os românticos tem o seu gestual muito próximo ao rosto, como se estivessem contemplando. Não são nada fracos, são uma tempestade de emoções. Linhas arredondadas e horizontais. Adoram preto, e o corpo está sempre em movimento e em contato com a natureza. Ser do rock, por exemplo, é romântico.

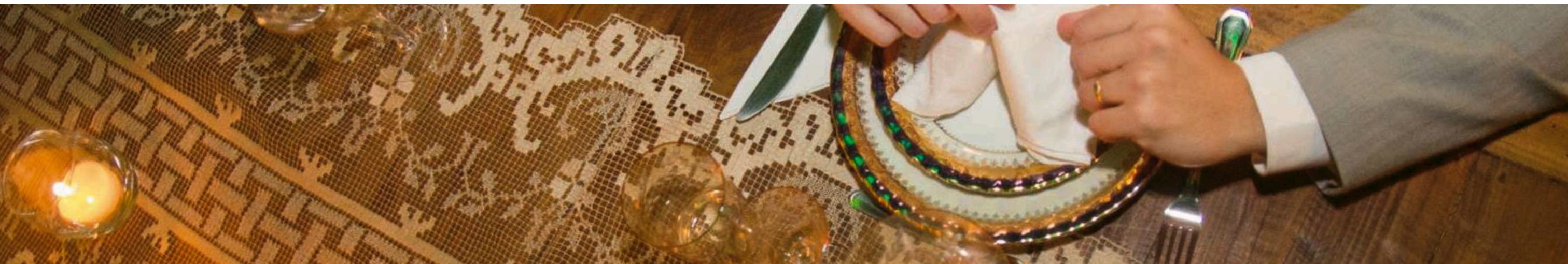
- estilo borrô: nômade, viajante, sapatos em tons terrosos, mochila. As pessoas deste estilo não costumam ser pontuais. Gostam de coisas simples, naturais, que abracem seu corpo. Vivem o momento, e precisam ter lembranças muito fortes, como se fosse viajantes em suas próprias vidas.

- estilo dramático – se interliga com o gótico – sempre tem algo que lembre algo de pontiagudo. Pessoas deste estilo costumam contar dramas, e têm personalidade exagerada, intuitiva e religiosa. No look total black, por exemplo, tem muita dramaticidade.

- estilo sensual: seu corpo é seu templo, seus cabelos sua arma de sedução. Seus gestos é seu poder. O elemento da sensualidade é mais pontiagudo.

Em sua envolvente palestra, a consultora ainda explicou os significados das cores.

- Branco: perfeccionista e único. Estamos vivendo um momento de exaltação do branco, na arquitetura, no



vestuário, nas artes. É uma cor de abertura para renovação, e de leveza.

- Vermelho: é velocidade. Luxo. Vivacidade. O bordô pode ser usado por quem é mais sofisticado.

Rosa – representa sempre o amor. Ele é terno, quente, amoroso e fervoroso.

Amarelo - transmite muita ansiedade. É a primeira cor que se nota. Fala de força, é a cor dos perfeccionistas, da impaciência.

Laranja – é uma cor importante. É uma cor de anfitriões, da natureza. Quando quer que pessoas se aproximem de você, use tons terrosos. O laranja gosta de toque de carinho.

Marrom – sábio, que representa grandiosidade e humildade. Terno e generoso.

Azul - é a cor que as pessoas mais amam. Cor de democracia, de compartilhamento, relembra que o céu é igual pra todos nós. É fiel, seguro. Nos equilibra.

Verde – é a cor da comunicação. Lembra as árvores, que farfalham. Nos faz falar, é uma cor da renovação.

Roxo – para se conectar com a alma. Cor de equilíbrio, da criatividade, que faz o processo criativo funcionar mais rápido.

Cinza - é cor de neutralidade e elegância. Dá equilíbrio e distanciamento sem perder a sofisticação.

Preto - sofisticação, pode ser posicionamento ou capa de proteção. Preto é força.



## opinião

Saber sobre cores e estilos, de fato, é fundamental para qualquer fotógrafo. Fotografia é escrever com a luz, e luz significa cor. Este conhecimento pode ser utilizado não apenas para ensaios fotográficos, mas para a captura de qualquer imagem, seja ela comercial ou autoral. Cores e estilos são as formas como vemos o mundo, e são parte de como podemos nos conectar a ele. A palestra de Cris trouxe outra área de encontro a fotografia, e a partir disso nos leva a outros nichos de interesse e de aprendizado.

## Retratos da infância

Uma das últimas palestras do evento Go Image on Stage trouxe inspirações um pouco distantes da fotografia comercial. Maria del Valle, odontóloga de profissão, veio da Argentina para mostrar fotos que registra de suas filhas, que lembram um verdadeiro conto de fadas. Ela contou que começou a fotografar quando se perguntou o que realmente gostaria de fazer, depois de cumprir todas as expectativas de sua família. Para Maria, a foto é uma forma de expressão, e não de ganhar dinheiro – apesar de, às vezes, se envolver em projetos para algumas marcas.

“Eu invento contos e histórias para as crianças que fotografo, para elas se envolverem, e haver emoções reais, apesar de as fotos serem dirigidas.

Pra fazer foto harmoniosa, é necessário vê-la antes de clicar, planejar. E esperar que a mágica aconteça. Ter paciência pra um vento passar, pro cachorrinho ficar quieto. Se quiser que já saia perfeito, não vai começar nunca.

Não espere o momento exato, só comece dando o primeiro passo.” Maria del Valle

## opinião

As fotos de Maria del Valle são sensíveis retratos de infância, que realmente devem reproduzir os livros românticos que ela diz ter lido – comprovando que tudo conta na hora de realizar uma fotografia única. Maria afirmou que a câmera tem a capacidade de transformar em mágico algo simples e é exatamente o que ela consegue fazer com suas lindas fotos e locações. O momento da palestra de Maria foi de enlevo para a plateia, uma forma de expandir os horizontes. É fundamental que os fotógrafos possam ter acesso a outras áreas, buscar inspirações de outras formas.

## Conclusões

Os dois dias do congresso tiveram ainda outros palestrantes, como Robison Kunz, que falou sobre direção de pessoas na fotografia. Paulo Moraes falou sobre fotografia de gestantes, e Marcio Ballas sobre improviso e criatividade. Patricia Ribba foi outra atração internacional do congresso, e veio do Uruguai para falar sobre sua fotografia e personalidade. Também do Uruguai, Mika Alvarez falou sobre a marca de um fotógrafo.



## opinião

O Go Image on Stage, nesta sua terceira edição, cresceu muito, e se tornou um evento internacional. Mas cresceu ainda mais em diversidade, e em nível de palestrantes, com palestras com um bom embasamento. Mesmo as palestras mais tutoriais, se não interessavam pra um público mais experiente, eram importantes para os iniciantes na profissão. Na conclusão do primeiro congresso da Go Image, em 2017, destacamos a necessidade de nos eventos futuros haver uma diversidade ainda maior de temas e de discussões sobre a fotografia também em um âmbito filosófico e teórico, para além do comercial. Agora, em 2019, percebemos que a organização tem pensado também neste sentido, trazendo palestrantes com outros temas e reflexões. O congresso se consolida, assim, como uma importante fonte de conhecimento e inspiração para todos os fotógrafos de Caxias do Sul e região.



A photograph of stone steps leading up a hill, with a white text box overlaid on the left side. The steps are made of large, rough-hewn stones and are surrounded by small, reddish-brown plants. The background shows a dark, shadowed area with some greenery.

Carta aberta

# 12ª Semana da Fotografia de Caxias do Sul

---

Em 2019, a Semana da Fotografia de Caxias do Sul chegou a sua 12ª edição com quase 30 dias de atividades. Foram mais de 20 entidades e parceiros envolvidos, em uma verdadeira união do poder público e privado, levando a muitas pessoas às mais de 50 atividades gratuitas e 43 exposições fotográficas espalhadas pela cidade.

A Semana, há 12 anos, nada mais é que os esforços de cada um de nós em prol da educação da comunidade, em busca de um mundo melhor para todos a partir do compartilhamento do conhecimento. Em 2019, mais uma vez, realizamos o evento sem nenhum tipo de aporte de verbas públicas e/ou privadas. Por maior que seja o desafio que isto representa, queremos celebrar outro aspecto: quando a gente se junta, e cada um doa um pouquinho do seu tempo, do seu trabalho, podemos fazer um evento grandioso como este



acontecer! E isto nos enche de orgulho e de espírito comunitário!

Neste ano, a realização ficou a cargo da Sala de Fotografia e da Unidade de Artes Visuais da Secretaria da Cultura da Prefeitura de Caxias do Sul, representadas por Liliane Giordano e Caroline Varta, respectivamente. Mas os apoios e parcerias fizeram com que tudo saísse do papel sem precisar de dinheiro. Só temos a agradecer! Temos que enviar a nossa gratidão também a todos que se inscreveram na convocatória. Onze projetos foram

selecionados para expôr suas fotografias - um processo inclusivo que permitiu a qualquer pessoa se inscrever por meio de edital.

A Semana da Fotografia 2019 também representou o fim de um ciclo. A partir do ano que vem, o evento muda de nome. Se a Semana tem atividades para o mês todo de agosto, já nem mais tem sentido chamá-la assim, né? Então apresentamos um novo nome e um novo logo. A proposta agora é que o evento passe a se chamar Festival Arte Foto Caxias do Sul. Não é apenas uma mudança de nomenclatura, é uma alteração no âmago, que traz em si novas expectativas e que comprova o quanto a Semana da Fotografia cresceu e se transformou. A partir desta proposta, o que antes era Semana da Fotografia se transforma em Festival Arte Foto Caxias do Sul com o intuito de englobar todas as formas de arte. Afinal, a fotografia nunca esteve excluída, é ela quem é capaz de registrar qualquer manifestação artística, e também de ser ela própria veículo de expressão.

O novo logo, trabalho do designer Mateus Kremer, conta com inspirações do cubismo e da histórica escola de artes Bauhaus, além de fazer uma homenagem ao RGB - as cores utilizadas na fotografia. A opção por este logotipo vanguardista, que olha para o futuro tecnológico, mas que conversa intimamente com nosso passado, com a busca de referências artísticas históricas, expressa tudo o que o Festival Arte Foto Caxias já foi, mas também o que pretende ser. Afinal, precisamos entender de onde viemos, para saber em que momento estamos. É no presente que construímos o nosso futuro, mas sempre ancorados firmemente com o que aprendemos no passado. Neste caso, o legado são as doze edições anteriores da Semana da Fotografia que agora se transmutam em um verdadeiro festival inclusivo.

Desta forma, o que o logotipo expressa é este elo entre passado, presente e futuro. Pois um evento como este pode ser a motriz de uma profunda mudança em como vemos o design e a fotografia e a arte, que são, por fim, as formas como vemos o nosso próprio mundo. É nos tempos atuais que temos a chance de criar um novo horizonte que faça a diferença na sociedade e para cada cidadão.

Então, nos vemos em agosto de 2020! Nos vemos no Festival Arte Foto Caxias do Sul do ano que vem!









Blog da Sala no Portal Fhox

# Ler imagens potencializa a capacidade de olhar

Por Liliane Giordano e Sabrina Didoné

---



Vivemos em um mundo inundado por imagens. A cada minuto, incontáveis novas fotografias aparecem em nosso universo imagético. Nas redes sociais ou nas mídias tradicionais, todos os dias nossos olhos se detém por poucos segundos em todo o tipo de reprodução do cotidiano por meio de lentes. Mais do que uma paixão, a fotografia, desde o seu início, e neste momento histórico mais do que nunca, é uma área fundamental da comunicação e do conhecimento humanos.

O papel do fotógrafo hoje é principalmente o de alguém que sabe ler, pensar e trabalhar imagens, da mesma forma que um escritor sabe ler, escrever e trabalhar as palavras. A fotografia é a linguagem mais universal que temos no século XXI, mas estamos todos ainda tentando entender quais são os limites e as vantagens dessa magnífica ferramenta a que, felizmente, hoje todos temos acesso.



Contudo, mesmo com a urgência de entender um mundo que se comunica cada vez mais sob o signo das imagens, a educação visual – educar para a leitura da imagem – não tem sido priorizada. Tem-se, agora, a noção de que o analfabeto do futuro será aquele que não souber ler e entender imagens, conforme afirma o designer, fotógrafo e pintor László Moholy-Nagy.

Hoje, talvez seja mais importante saber ler uma imagem do que até mesmo produzi-la. Donis Dondis, no livro “A sintaxe da linguagem visual”, diz que “expandir

nossa capacidade de ver significa expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual, e, o que é ainda mais importante, de criar uma mensagem visual.”

Só se aprende a ler, lendo, ensina sabiamente o educador Paulo Freire. Isso poderia reafirmar a prática de olhar centenas de imagens por dia, assim como já fazemos de forma despreziosa ao abrir uma rede social. Mas não basta apenas passar os olhos por uma imagem por três segundos para entender e captar o seu significado. Assim como a prática fotográfica exige um certo tempo, descompromissada da pressa cotidiana a qual nos acostumamos (tal como afirmamos no texto Fotografia: a relatividade das nossas certezas), ler uma imagem implica dedicar tempo suficiente a ela. Significa parar, refletir, descrever, decompor e recompor, para compreender e interpretar, a fim de apreendê-la como objeto de conhecimento, conforme Analice Pillar, no livro “A Leitura da Imagem”.

Como se lê então uma imagem? Para isso, é preciso entender as relações entre forma e conteúdo e a sua inserção no contexto. Assim como a palavra se lê ao decodificar os seus símbolos – o alfabeto – é preciso conhecimento prévio para ler uma imagem. Se um texto pode conduzir um entendimento, a imagem pode suscitar diferentes interpretações de acordo com a sensibilidade do espectador.



Tal como um escritor, contudo, quem fotografa sempre tem algo a dizer, por mais intangível que seja, por mais que nem o fotógrafo saiba exatamente o quê. Isso não significa que a imagem prescindia da palavra, pois essa pode ser o instrumento para explicitar um significado imagético, mas não necessariamente conduz a leitura imagética.

A significação das mensagens fotográficas é culturalmente determinada e sua recepção necessita de códigos de leitura, de um entendimento. Ao olhar a imagem fotográfica de uma bola de futebol, se não souber o que é o objeto, não se entende a mensagem daquela imagem. Mas a leitura não pode ser tão óbvia ou tão estática. Antes mesmo de parar para olhar

uma imagem, já se vê um significado. Porém, olhar é mais que somente ver. E não quer dizer que esse significado permaneça imutável. Ou seja, interpretamos, e assim podemos mudar a percepção do que vemos – de acordo com o tempo que destinamos para entender e analisar o contexto que a imagem está inserida. Assim como em um texto, interpretar uma imagem é conferir sentido a ela, atribuir significados. É criar um ritmo, uma leitura possível para aquilo que foi construído imageticamente.

Ainda há que se atentar para o fato de que nosso pré-julgamento pode nos confundir. Enxergamos uma foto antes mesmo de vê-la, nossos olhos podem nos enganar, baseados em estereótipos. Imaginamos o que é uma pessoa bonita – pois o nosso contexto sócio-histórico-cultural de alguma forma já nos condiciona a uma determinada interpretação – e rejeitamos automaticamente o que não se encaixa em nosso padrão visual ao nos depararmos com o diferente. Queremos a compreensão fácil de uma imagem, com objetos concretos que podemos nomear instantaneamente, e assim descartamos o intangível, que pode nos levar a imaginar e a sentir, elevando o pensamento e o entendimento.

A fotografia não encontra paralelos com outras formas de produção de conteúdo por ser, concomitantemente, imagem-documento e produção artística. Ao mesmo tempo que pode provar a existência de algo, sendo precisa como a ciência, há uma dicotomia que a transforma também em um objeto inexato da esfera da arte, conforme afirma Francesca Allinovi no livro “La Fotografia. Illusione o Rivelazione?”. O caráter ambíguo da fotografia a aponta como vestígio do real (portanto indiciária) afirmando assim a existência, mas por ser representação, ela cria uma ficção. Há que se ter em mente, ao ler uma imagem, que ela representa o mundo, mas não é exatamente o mundo.

As representações visuais que inundam nosso cotidiano podem ser informativas, comerciais e de entretenimento e/ou artísticas. Uma mesma foto pode conter as três possibilidades, a fotografia é polissêmica. Analisar uma imagem é muito mais do que simplesmente reconhecer seu traço primeiro. É preciso entender a estética fotográfica. Tem-se um caminho para um sistema de apreciação da imagem, com seis pontos: sensibilizar, descrever, analisar, interpretar, fundamentar e revelar (ideias de John Dewey, Edmund Feldman e Ott em pesquisa sobre “Leitura de imagens e cultura visual”).





Para ler imagens é preciso entender não só o que é mostrado, mas como é mostrado. Essa tarefa requer conhecimento, não é algo somente intuitivo. É uma característica do ser humano explorar e compreender seu entorno, para enriquecer seus conhecimentos a partir de suas experiências. Existe uma diferença entre ler o que se tem disponível e a leitura do que se produz.

Um exemplo é a leitura que um indivíduo faz de imagens produzidas por outros e a leitura que ele faz da sua produção, pois estas envolvem o momento da concepção e do contexto. Para ler, então é preciso ir além e enxergar nas entrelinhas, explorando e compreendendo seu entorno, incluindo concepção e contexto para chegar a uma interpretação.

A leitura de imagens propõe reflexão, a fim de melhorar o pensamento crítico. Dessa forma, o processo de compreensão decorre a partir do entendimento da imagem e não do simples reconhecimento. Esse entendimento parte de um sistema de relações que envolvem os sentidos, os saberes e a percepção para ressignificar a imagem.

\*\*Texto publicado originalmente no blog da Sala de Fotografia, inserido no Portal Fhox, em 2018







Vozes

# Por uma luz Paulo Freiriana

Por Carlos Carvalho

---

Carlos Carvalho é fotógrafo e Coordenador geral do FestFoto – Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre. Trabalhou como free-lancer para as principais revistas e jornais brasileiros, e também publicações internacionais. Esta é a sua voz no artigo que escreveu para a Revista Sala de Fotografia.



Os manuais clássicos de fotografia e de equipamentos fotográficos traçam roteiros, coordenadas e um agrupamento de números que em última análise traçam um roteiro já pré-definido no aparato fotográfico para que se obtenha “uma fotografia dita correta”. As novas tecnologias transformaram esses roteiros em um algoritmo para que não se perceba inclusive que esse roteiro “existe” e muitos possam fazer uma “fotografia correta”. Do ponto de vista da democratização da alegria, aquela que todos nós sentimos quando fazemos uma fotografia, agora com o celular, trata-se do roteiro lógico da indústria e do aparato. Fotógrafos que inscreveram seus nomes na história acrescentaram a esses roteiros suas marcas pessoais, traçando rotas diferentes, alongando ou encurtando caminhos, mas sempre recusando o caminho determinado a priori, seja no campo do documento (fotojornalismo, documental e todas variações de genética vernacular), seja no experimento que permitiu o ingresso da fotografia no território da arte e um protagonismo na arte contemporânea.

Seja qual for o sintoma – e aqui vou tratar como sintoma o impulso vital a intenção do fotógrafo – arte ou documento ou documento/ arte ou arte/documento, a experiência fotográfica sempre foi o vetor que desqualificou o peso e a força da palavra correta no território da fotografia. É uma vocação nata da fotografia não ser correta, nem em princípios técnicos nem do ponto de vista expressivo. Não existe uma correção técnica básica a não ser subordinada ao sintoma, ao impulso do fotógrafo e neste caso para que o impulso fique bem “resolvido” enquanto imagem. No entanto o impulso permanece já enquanto imagem, a cada confronto com o olhar do espectador, do

“outro”. É uma flecha em busca de alvos ambulantes e a gênese aqui não é a flecha mas o caminho como impulso fotográfico vital que ela vai percorrer.

Toda essa reflexão busca na verdade tentar trazer para o caminho dessa flecha, o elemento básico e primordial da fotografia que é a luz e para a experiência fotográfica a possibilidade de tornar-se um dos alvos desse caminho impulso.

Trazendo o discurso para a prática e tentando dividir a experiência pessoal de um projeto de fotografia documental - que chamo de fotografia de informação - me dei conta que a busca primária da informação enfraquece a própria ao não perceber outras luzes. Em outras palavras, a luz como uma forma de informação e potencia expressiva se oferece a quem saiba percebê-la, enxergá-la. E esse perceber exige uma consciência da interação necessária com o objeto fotografado, uma atitude em busca de uma luz que revele a experiência, uma luz Paulo Freiriana.

O dilema do fotógrafo entre a solidão da criação e o confronto com o olhar do outro é da natureza intrínseca do ser humano e não há escolhas. No entanto a experiência da percepção dos caminhos da luz talvez seja uma das mais deliciosas descobertas depois do fogo, da roda ou do...celular. Esse momento da quase imagem, desse Big-Bang fotográfico que é a angústia que nos alimenta desde as experiências pictóricas de Cézanne, não se dissipa enquanto angústia mas se realiza enquanto luz percebida, enquanto informação, ou melhor enquanto consciência. E é claro, pode-se ou não estar à altura dessa consciência.

É uma busca. A busca por uma luz Paulo Freiriana.

**Carlos Carvalho**

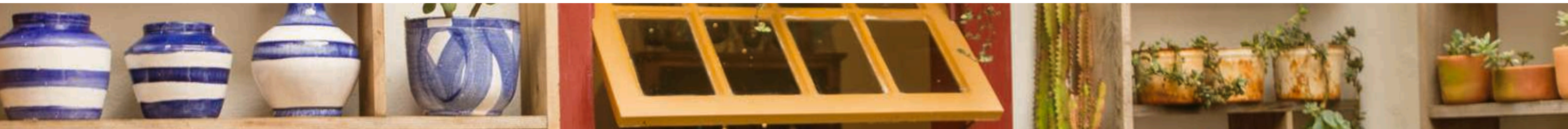




Foto de Carlos Carvalho.  
Futebol no assentamento Cidade  
dos Meninos e Minas/MG- 1988

aprendemos nos livros de fotografia

“Toda fotografia é, antes que espelho, especulação, já que é essencialmente uma manipulação mais ou menos inconsciente. O mito do espelho se rompe como se rompe a analogia entre objeto e imagem, como se rompe a analogia entre as coisas e as palavras, o que abre passagem ao conflito linguístico que percorre todo o pensamento ocidental durante o século XX.”

Joan Fontcuberta, 2012



Vozes

# Descrrevendo Fotografia

Por Roberta Tavares

---

Roberta Tavares é mentora, editora e consultora de fotografia, é codiretora da caravana da Magnum no Brasil, e diretora criativa do Miami Photo Fest. Este é o seu testemunho sobre fotografia que escreveu para a Revista Sala de Fotografia.



É sobre curiosidade ...

O primeiro olhar seduzindo a mente. Alguma pretensão para justificar a natureza inquieta e faminta da avaliação, que aflige o direito de ter algo a dizer e de ser absorvido pela reticência (e eu amo isso). Algum alarme apaixonado para intrigar o que é apresentado como paixão, desfragmentar verdades, encontrar o requintado nas bordas, nas periferias, sugar as contradições da vida. A curiosidade pode ser letal, mas que vida você escolheria para si mesmo? Se ser curioso, isso me torna um investigador, um candidato a risco voluntário, uma esponja de conhecimento, um observador obcecado, o atleta que aprende mais do que pratica, um predador do senso comum, às vezes herói, às vezes inconveniente. Estou aqui segurando o mapa. Isso ainda me deixou pendurada nas maneiras intrépidas de seguir essa bússola. Por favor, diga-me que este não é o caminho certo. Atreva-se!

É sobre significado ...

Há algum tempo, pensei em qual seria o objetivo final: o legado. Fazer sentido, fazer a diferença, espalhar a mensagem, converter, tocar, mudar, liderar a revolução. Para se chamar “alguém”. Nos últimos dias, aprendi que se trata também de ser o alvo, a ferramenta de inspiração, receber a mensagem, convergir, ser tocado, quem muda e quem apoia a revolução. Reconhecê-los e permitir-lhes trazer o significado. Para ser o ‘alguém’ deles, fazer o seu melhor e fazê-lo bem. A significância ainda tem a ver com grandeza.

É sobre poder ....

Não tema a adversidade, cumprimente o desconhecido, dê crédito ao inesperado, reaja e sinta o peso do impacto. O poder vem com responsabilidade e um compromisso silencioso para gerenciá-lo.

É sobre exposição ....

Hora de sair da zona de conforto ... de abraçar o estranho, a singularidade das diferenças, cavar fundo e sofrer, se arrepender e se você sobreviver a isso, encontrar o meio termo de prêmios pessoais e lembretes de vulnerabilidade.

É sobre dualidades ...

Gostar e comprar, fazer por si e pelos outros, as pistas do certo e do errado, o que vejo e o que você traduz, para caminhar entre o perigoso e o excitante, o humilde e o gênio.

É sobre liberdade ...

É você na estrada e sem garantias ... lidando com o verdadeiro dilema ... você pode honrar suas escolhas, pode ser o aventureiro em busca delas? Eu sei pelo que sou apaixonada. Você?

É tudo sobre fotografia ....

Curiosidade, significado, poder, exposição, dualidades e liberdade.

É tudo sobre mim....

É humildemente sobre mim ... é pretensiosamente sobre minha maneira pessoal, sentimental, íntima e subjetiva de abordar a fotografia, de me viciar: minha heroína, minha cocaína, para ser questionada e liberar minha vontade de sentir. Se você puder falar comigo nesse idioma, apesar de qualquer erro de linguagem e sentenças confusas surgirem, se puder me encontrar pacientemente nessa familiar e inquieta estrada, se conseguir se reconhecer vagando (onde é claro que é bem-vindo), então você pode adicionar uma nova aventura às suas experiências ... e de repente se torna sobre você e é hora de dizer ‘Ah, sim ... é isso. Me dê um trago`.

**Roberta Tavares**







curadoria - exposições fotográficas

# Reminiscência de um escultor

Por José Alfredo Dalle Molle

---

José Alfredo exibiu no mês de agosto de 2019 suas fotos e documentário no Museu Municipal de Caxias do Sul. A curadoria foi de Liliane Giordano, da Sala de Fotografia. Confira o texto de conceituação da exposição e algumas das imagens da mostra.



Toda a arte tem uma memória. Mesmo aquelas que nunca saem da gaveta. Ou aquelas que duram apenas alguns instantes. Mesmo que seja só na lembrança de quem a fez. Toda arte tem uma memória, mas como se conta esta memória em todos os seus detalhes? Como se perpetua o seu fazer?

A resposta é a fotografia. A arte de parar o tempo faz com que sejam eternos os momentos do fazer artístico por ela retratada. O segundo do clique é a possibilidade de perenizar e dar visibilidade a formas de artes que são fruto de instantes singulares, com a dança, a performance, a escultura, o fazer da pintura.

E é através dos fios da memória e da perpetuação que surge a exposição fotográfica “Do gesso à madeira: reminiscência de um escultor”, de José Alfredo Dalle Molle. Os instantes do esculpir capturados por Alfredo simbolizam um retorno à vida da estátua, quase como se por meio de seu olhar de gesso pudéssemos vislumbrar sua alma. Alma esta que reverba, é nítido, o sentimento e a sensibilidade de seu artesão.

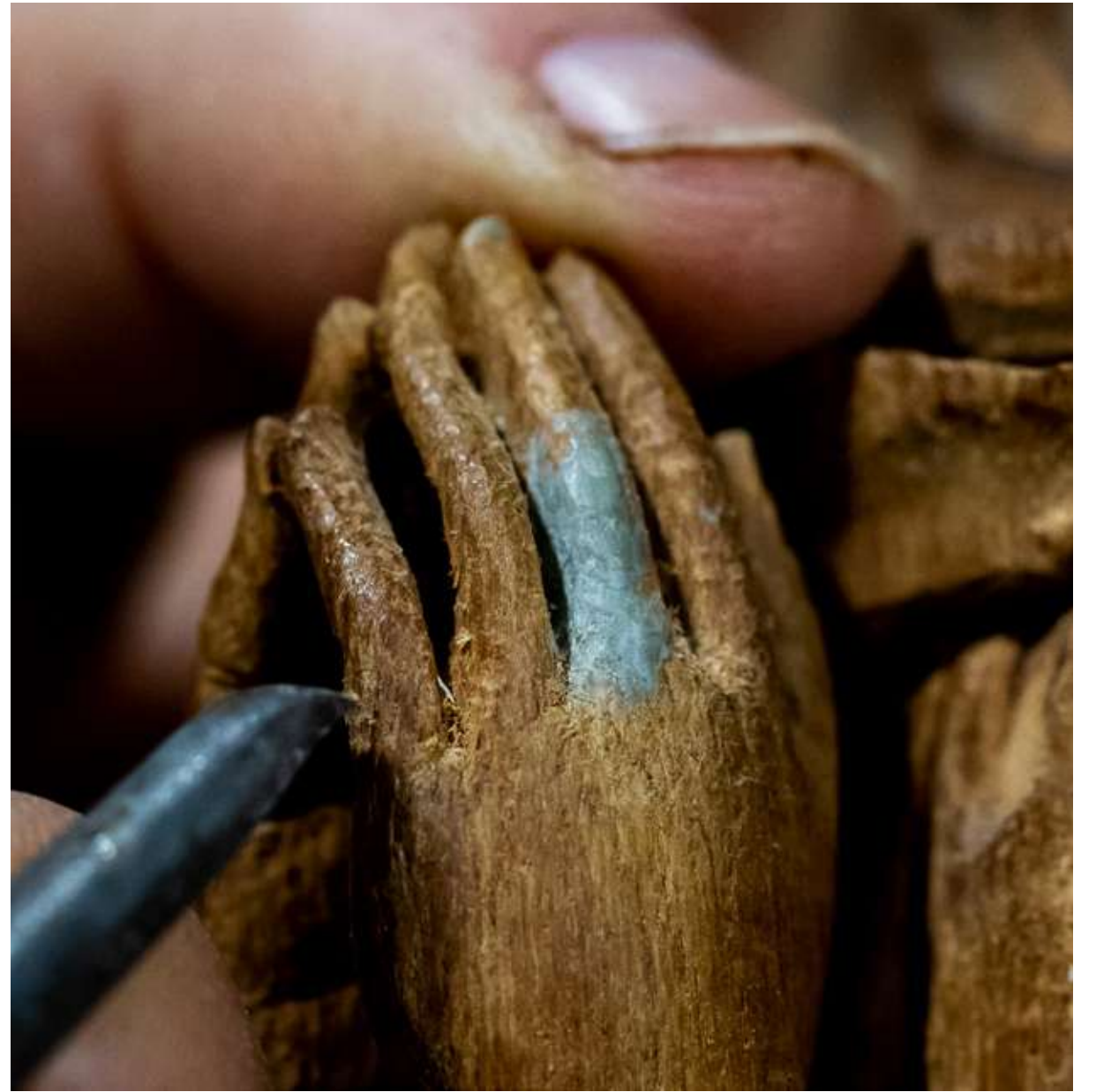
Mesmo nas esculturas prontas há mais de meio século, enxergamos por meio dos pixels trazidos à luz por Alfredo cada cinzelada cheia de carinho, que desnudam um fazer artístico que mescla paixão, fé, anonimato e arte. Anonimato, sim, pois ao nos depararmos com imagens de santos em igrejas, raramente pensamos quem os esculpiu. As fotos desta exposição, portanto, trazem uma verdadeira reminiscência, ou seja, uma imagem do passado que se conserva na memória. Afinal, é por meio destas fotografias que estamos mergulhando em um capítulo muito importante da história de Caxias do Sul e região, registrando o que mãos competentes fizeram com tanto carinho.

Alfredo não foi um espectador passivo. Ele mergulhou nas histórias que fotografou. Agora, ao contemplar estas imagens, não vemos mais apenas a alma do artesão das estátuas. Vislumbramos também um tanto da sensibilidade e da arte do fotógrafo Alfredo. Afinal, a fotografia não serve apenas para registro. Ela é, por si própria, um veículo de expressão artística, servindo de instrumento de ressignificação de nosso olhar.

**curadoria Liliane Giordano**







análise - festivais de fotografia

# V Fórum Latino-Americano de Fotografia 2019

---



Pensar a noite como uma forma de refletir, fortalecer laços e conexões, gerar informação e definir estratégias de mudanças para a coletividade.

Assim, com uma temática forte e grandes nomes da fotografia da América Latina, iniciou mais um Fórum Latino-Americano de Fotografia. A quinta edição do evento ocorreu no Itaú Cultural, em São Paulo, entre os dias 12 e 15 de junho de 2019, com o tema “Ainda Há Noite”.

O Fórum veio para questionar a ideia de que o dia torna as coisas mais claras, enquanto a noite recobre tudo com um véu de sombra e mistério. Confira o que a Sala de Fotografia acompanhou nestes dias de evento.



## Primeiras discussões

O diretor do Itáu Cultural, Eduardo Saron abriu o evento, seguido de apresentação do doutor em psicologia, Contardo Calligaris.

“Nos últimos 30 anos o que nos mobiliza no que diz respeito a desenho de política ou ação cultural é o velho modo tão repetido e usado da tal democratização do acesso”. Eduardo Saron

Eduardo iniciou sua fala com a ideia de que diante deste público que são mobilizadores da cultura e refletem sobre esta democratização, é preciso ter cuidado com a lógica de quanto mais pessoas melhor. Pequenas experiências com poucas pessoas não deixam de ser relevantes. Ainda, é preciso cuidar com a espetacularização dos eventos: a pompa não é mais importante que os artistas e/ou agentes culturais que estão por trás do evento. Ele fez uma analogia com a sigla CEP – código de localização analógico com a ideia de C de catraca – muitas pessoas, E de espetacularização dos eventos e P de prédios e espaços para a cultura, sem uma preocupação mais séria com as ações e com os prédios históricos que já existem. Isso tudo sobre a égide da democratização do acesso. Precisamos evoluir com relação a este aspecto, esta métrica.

“Quero trazer para vocês uma palavra que foi citada há 71 anos na declaração dos direitos universais, quando se permeia pela primeira vez a questão dos direitos culturais, lá no artigo 27, quando se fala de arte, cultura, acesso a ciência. A declaração utiliza uma palavra que é, ao meu ver, muito precisa e que precisamos praticar esta alavanca que está contida na democratização do acesso, mas não para por aí. A declaração no seu artigo 27 fala em participação”. Eduardo Saron

A palavra participação, ainda de acordo com Eduardo, é a grande virada



para fazer uma ação cultural, e desenhar uma política cultural para não ficar refém do CEP. Este também é um caminho para trocar o CEP por outras três palavras: Fruição, que seria uma troca entre o repertório do sujeito e o repertório do artista que está propondo. A segunda palavra seria fomento, pois não há uma política de fomento para as artes no Brasil. E a terceira seria formação, já que não há como pensar em democratização de acesso, sem pensar em formação para que haja uma democracia cultural.

O doutor em psicologia Contardo Calligaris iniciou falando sobre os paradigmas da noite. Ele falou sobre o medo do escuro, que começamos a ter entre os 2 ou 3 anos até o dia que poucos dizem – o medo do escuro tem uma relação direta com o medo da noite. Só se passaria a não ter medo da noite quando o dever de proteger de alguma forma passa por cima do medo, nos tirando desta fobia. De acordo com Contardo, o medo do escuro seria o temor da separação, da ausência de outros.

“Se alguém me perguntasse o que penso sobre fotografia, eu diria que ela me seduz, pela sua imobilidade, o seu silêncio. Eu não gosto do Instagram porque é muito barulhento.” Contardo Calligaris

Com esta perspectiva temática “Ainda há noite”, iniciou-se uma grande discussão para se pensar a noite como possibilidade de criação e reflexão.

## Narrativas

Outra mesa do Fórum Latino-Americano de Fotografia foi “A realidade e suas narrativas ficcionais”, com a presença de Cristina de Middel (fotógrafa documentarista e artista espanhola), do colombiano Jaime Abello (diretor



geral e co-fundador da fundação Gabriel Garcia Marques para o novo jornalismo ibero-americano) e Verônica Stigger (escritora e crítica de arte). A mediação foi do jornalista e gerente do núcleo de literatura e áudio visual do Itau Cultural, Claudiney Ferreira. A ideia da mesa era discutir o mundo a partir do cruzamento de realidades e ficções.

O mediador Claudiney iniciou explicando que o exercício da escuta é muito importante quando se trata de discutir realidade ou ficção. Sempre que grandes eventos acontecem e as imagens impactantes nos impressionam e geram discussões, são sempre mediados pelo filtro de uma notícia. Ele citou as imagens de diversas situações que geram um impacto, e uma discussão como a trazida pela escritora Susan Sontag no livro “Diante da dor dos outros”, que as pessoas que conseguiram se salvar não diziam o que seria comum, como “parecia um sonho”. Elas diziam que “parecia um filme”, ou seja, a catástrofe sendo construída pelo cinema na ficção científica. Assim nosso imaginário foi criado.

“Gabriel Garcia Marquez dizia que escrevia só a realidade, nada era mágico, que ele nem tinha imaginação, escrevia sobre a realidade, tudo era realidade”. Claudiney Ferreira

Claudiney ainda relatou que em uma entrevista que fez com Darci Ribeiro, questionou porque ele começou escrever a ficção. Sua resposta foi porque o ensaio e estudo antropológico não dão conta de explicar a realidade. Com estas provocações, Claudiney perguntou então aos convidados da mesa: “A realidade e a ficção estão cada vez mais próximas na construção dos nossos imaginários?”

“Acabamos de fechar uma época que se deu muita credibilidade ao documento e todas as ferramentas que tínhamos para gerar documentos viraram deuses. Agora estas ferramentas e as plataformas estão sendo questionadas. Mas a ficção é uma das características que diferencia os homens dos animais, que faz do homem ter a capacidade de transcender, de imaginar um futuro, de construir narrativas. Toda a história da humanidade, desde o início, está marcada pela ficção.” Cristina de Middel





Ainda de acordo com Cristina, isso faz com que se tenha temporadas de mais likes e outras que tem menos. Agora, estamos em uma época que a imaginação está tentando voltar à tona, muitas vezes fazendo uma negação da racionalidade. Assim, estamos sofrendo um excesso de não-ficção. Ou seja, parece que tudo é uma verdade absoluta nas redes sociais.

Veronica citou que o que é curioso é que estamos vivendo um momento de fakenews, e o que é mais impressionante são as imagens, o que questiona a verossimilhança.

“No nosso tempo, a crença na descrença vai se dar em um outro tempo em relação às fakenews, um grupo fechado que não se tem o controle, a crença não está no conteúdo, mas no meio de onde elas vem, ah! Se chegou pelo whatsapp está correto, é verdade e nem mesmo nas redes sociais como Facebook que ainda é aberto, não se questiona isso”. Verônica Stigger

Jaime Abello, falou de um perspectiva do jornalismo, da sua preocupação com o uso da guerra da narrativa, ou seja, da ficcionalização da realidade.

“Um relatório anual sobre os meios digitais, numa mostra de 38 países no mundo, o país com o maior número de pessoas preocupadas entre distinguir verdades e mentiras é o Brasil. 85% dos brasileiros responderam à pesquisa que estavam preocupados com isso. E o segundo dado importante é que o país do mundo em que o Whatsapp se converteu na rede principal para compartilhar de maneira privada e discutir notícias é também o Brasil, com 53% de usuários. Qual o problema? Uma queda mundial de credibilidade no jornalismo, relacionada à confiança e a muitas coisas, não só o jornalismo mas nas instituições da democracia. O que pode-se colocar como objetivo é: quais são os caminhos pela perspectiva do jornalismo e as suas funções para a democracia. Como o jornalismo deve assumir e tratar as narrativas de ficção e quais são as fronteiras, as separações destes domínios, esta é uma questão a se discutir. Isso tem a ver com o jornalismo escrito, mas também com o jornalismo visual.” Jaime Abello

Ainda de acordo com Jaime, isso é um debate pela sobrevivência dos periódicos e um debate de ética, sua intencionalidade e o pacto em leitura com o público. É necessário ser transparente.

Cristina disse que não só é um problema dos periódicos e dos fotojornalistas, mas um problema filosófico. Hoje, temos que buscar os artigos de opinião para dar mais razão a ter uma opinião própria, e isso para validar uma informação. Assim, forma-se uma opinião a partir de outras opiniões. Para ela, precisamos mudar a mentalidade da audiência, para que não se busque a verdade, mas sim opiniões importantes para se equilibrar as versões e as fontes, incluindo uma interpretação e uma análise sobre os fatos. É importante formar uma sociedade mais crítica para esta nova estética e ética em um debate público para enfrentar essa era digital. “Se só se ler os jornais não vai compreender o mundo” Cristina de Midell

A mesa ainda questionou-se como se chegou a esse momento das fakenews. Alguns fatos foram levantados,

como o plebiscito da paz na Colômbia, e depois as eleições de Donald Trump, nos Estados Unidos. Mas Cristina questiona se ainda não começou no dia 16 de abril de 1969 quando foram feitas as filmagens do homem na lua. Cristina fez um projeto fotográfico ficcional de astronautas na África, intitulado “The Afronauts”, colocando as questões sobre o homem ir à lua, e a reação das pessoas ao pensarem sobre o estereótipo da África ter um programa espacial. Com este projeto produziu um livro, que ganhou repercussão internacional.

Os convidados da mesa concordaram que o efeito do excesso de informação é um problema de cidadania, um elemento essencial para as discussões contemporâneas.

## Escutas

O Fórum Escuta foi um espaço participativo e democrático, que propôs discussões importantes sobre o futuro da fotografia, um compartilhar incrível de ideias, experiências e proposições sobre educação visual. E ainda trouxe um pensar filosófico sobre a linguagem, a estética, a criticidade e o poder da imagem fotográfica. Assim, foram compartilhadas experiências e discussões sobre questões importantes relacionadas aos festivais de fotografia e suas conexões na América Latina, reflexões sobre gênero, linguagem e cultura visual.

Esta atividade teve mediação de Andrea Josch (Chile), Daniel Sosa (Uruguai), Guadalupe Lara (México), João Kúlcser (Brasil) e Tiago Santana (Brasil).

Muitas discussões estiveram em pauta. Uma

delas é a de que temos que parar para ouvir as vozes que foram silenciadas, é o momento de gerar novas reflexões com o que está acontecendo, fazendo paralelos da latinidade, que foi o que deu origem ao fórum. É preciso ver o coletivo.


Ainda, foi discutido que é preciso aprender a desaprender – a conversa começa com a escuta – uma escuta transversal. Somos comunicadores da realidade e assim é necessário que escutemos, temos que desaprender para olhar as coisas de outra forma. Intensificamos as diferenças, mas nessa dinâmica compartilhamos um reconhecimento da América Latina, em nível fotográfico, estamos em sincronismo com o restante do mundo, mas estamos trabalhando com o tema da noite que é uma das nossas crises comuns, para encontrar novos sentidos, com um percurso estético e de contexto.

Há muitas histórias para contar, por isso é muito importante estudar, frequentar as universidades para desenvolver um olhar crítico, e participar, conviver, para desenvolver seu processo artístico. E com isso construir uma possibilidade de ver as identidades, com isso aprender a respeitar o passado, esquecendo as crenças e estabelecendo novas possibilidades de repensar e ressignificar os encontros para tomar uma postura também política. Restaurar os laços das comunidades – coabitar e conviver. Afinal, quem tem memória tem poder.

Ainda, não devemos separar imagens de palavras, estamos na era da democratização da cultura visual, mas com as narrativas visuais em crise.

Já a mesa “Un abrazo Latinoamericano”, com Octavio Santa Cruz (Peru) e Rosana Paulino (Brasil)





foi um momento de refletir sobre a diversidade de raça, gênero, música e imagem que constituem nosso continente.

Na mesa seguinte, o Fórum trouxe Freddy Mamani (Bolívia) e Marcos López (Argentina), com o nome “Do Pop Latino Americano ao Universo simbólico Andino”. Eles falaram sobre a arquitetura e a paleta de cor como elementos de criação e reflexão sobre a sociedade contemporânea. Freddy é arquiteto, ele se inspirou em grandes projetos arquitetônicos e em Las Vegas pra criar casas muito diferentes e coloridas, em uma cidade que estava acostumada a ver casas sempre iguais e sem cor na Bolívia. Estas construções viraram pontos turísticos. E assim ele está mudando a vida social da sua cidade, visual, cultural e economicamente devido a seus projetos.

Freddy disse que não se deve ter medo de propor coisas diferentes, já que elas podem ser interessantes. Ele busca inspiração sem se preocupar se a cidade sempre foi assim, e desta forma está inovando a cultura do país, em função de uma ideia que se transforma.

### **Rede**

O Fórum Latino-Americano de Fotografia também abriu espaço para uma Reunião da Rede de Produtores de fotografia no Brasil - RPCFB. Foi um debate cheio de questionamentos e proposições para temas como formação, visualidades, memória e acervo. Ainda, se discutiu o pensar sobre possibilidades de financiamentos públicos e privados para fomento e difusão de projetos fotográficos. E lutar por políticas públicas no âmbito municipal, estadual e federal. A Rede pretende pesquisar, entender, mostrar a cadeia produtiva, o resultado em números desse processo de economia criativa. Iatã Cannabrava, um dos fundadores do grupo, propôs pensar sobre a memória do futuro, a partir da formação sobre a organização de acervos e uma

escola virtual para auxiliar no processo de formação.

Ainda, o Fórum teve um espaço para apresentação de festivais de fotografia, representados por seus criadores e curadores. Estiveram presentes festivais como

Festival de Fotografia de Tiradentes - Foto em Pauta – Brasil; Festival Gabo – Colômbia; Felifa – Festival de Libros de Fotografia (y Afines) – Argentina; Festival de Paranapiacaba – Brasil; Festival internacional de Valparaíso – Chile; Valongo Festival Internacional da Imagem – Brasil; Festival Internacional de Fotografía Foto México – México; FestFoto – Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre – Brasil; Lagos Photo Festival – Nigéria; Jornadas – Centro de Fotografía de Montevideo - Uruguai e ; Solar Foto Festival - Brasil.

### **“Festivais são o lugar do encontro” diz Eugenio Savio, diretor do Foto em Pauta**

Os festivais presentes trouxeram uma mostra impressionante de resultados. Além de uma troca de processos e procedimentos, ainda discutiram diversos temas. Um deles foi a educação visual como forma de memória e poder. A educação visual amplifica o campo da fotografia – o instrumento e a técnica são possíveis de romper as barreiras e criar novas possibilidades. É necessário aprender a ler e escrever nesta linguagem, principalmente aprender a ler para poder escrever. A linguagem pode ser uma reprogramação digital, com isso é necessário estética e crítica.

### **Edição**

Uma novidade do V Fórum foi a Maratona de Edição, com o objetivo de analisar especificamente projetos editoriais, para avaliar a qualidade e o conteúdo do projeto fotográfico e gráfico,



além da análise de formatos e suas formas de viabilizar economicamente a produção. Participaram fotógrafos, críticos e editores.

A programação do Fórum contou também com leituras de portfólios, atraindo novos talentos com produções consistentes. A sala de leituras era aberta ao público, o que nos deixou à vontade para conhecer e até mesmo contribuir com os projetos.

## Discussões

Outra mesa do Fórum foi “Amor e Arte acima de qualquer algoritmo”, com Angela Berlinde (Portugal), Anna Muylaert (Brasil) e e Maya Goded (México).

Maya Goded iniciou contando sobre a ideia de descrever suas narrativas: narrar qualquer informação com relação as suas vivências, primeiro sua vida e depois isso vai comunicando o que entende e vive. Isso pode modificar até mesmo como sua família vê e entende aquilo que foi vivido. De acordo com ela, a fotografia lhe ajudou a contar a sua realidade, provando aquilo que via ou falava, e assim conseguiu construir melhor a sua narrativa. Quando ela conseguiu juntar muitas imagens, conta que construiu mapas por onde caminhou, e assim se sentiu mais consciente e se misturou ao longo dos anos.

Ângela agradeceu ao fórum pelos momentos muito potentes, de troca e de afeto. Ela iniciou falando que

o Brasil lhe fascina, uma relação de proximidade, uma terra valente, de resistência e de liberdade, de suas passagens, suas vivências entre seu universo de imagens, entre amor e afeto entre Brasil e Portugal. Disse ainda que “no Brasil aprendi a malandrar, no sentido de entrelaçar as imagens, para que elas possam ganhar potência com força e luz e sobretudo abrir alguns distintos prismas do que é um tempo merecedor de ser tratado sem pressa”.

Ela mostrou uma imagem que lhe chamou a atenção quando tinha 15 anos, de uma pedra no litoral de Portugal, que, segundo ela, representa um peso e uma leveza, um abismo e ao mesmo tempo mostra uma fronteira de mares que nos unem para entrelaçar a fotografia a um atravessamento entre várias imagens. Ângela falou do seu percurso na experiência com a fotografia, com um atravessamento de várias linguagens, e afirmou que a construção da narrativa não só especifica o autor, mas faz parte da leitura do que o espectador faz com ela. Um livro é uma troca e um espaço de troca e de criação íntimo, e também um objeto poético, que desperta para o ver e tem uma dimensão no domínio do sensível. Isso explica nossa relação com o que a fotografia nos faz sentir, um projeto que busca dar um sentido para a imagem, mas do que fotografar ela gera um confronto entre o sujeito e o mundo.

Mais recentemente, Ângela desenvolveu um trabalho sobre o que é fotografia numa era de catástrofes. Foi um trabalho curatorial com a China, uma dimensão que não se conhece a identidade de um povo, um grande desafio. “Aquilo que se tem também num encontro, num fórum, nos festivais, exatamente por se ver que através



da fotografia podemos criar novas ordens de pensamento, de reflexão, e espírito crítico e que a fotografia é um gesto no sentido político de construção de cidadania de algumas imagens”.

Ainda de acordo com Ângela, vivemos em um momento completamente diarístico, nossa vida toda plasmada, por permear o nosso tempo, temos vontade de explicar aquilo que é um gesto diário, do mundo, mas a fotografia é um lugar de pensamento e reflexão. Neste momento de turbilhão e vertigem de imagem, falar de fotografia é falar de um momento, de postura e princípio visual sobre a conquista de novas ordens mais abstratas e de construção de cidadania. Vivemos zonas de transição, neste momento de ansiedade e angústia. Que futuro é esse que tanto almejamos e já não há futuro? O que nos resta é olhar lentamente para o processo do presente, olhar lentamente para o agora e saber usufruir da experiência. E portanto este discurso pop é apenas ironia sobre a pressa dos tempos.

A cineasta Anna Muylaert falou sobre o convite para participar do Fórum, no qual foi informada por Iatã Cannabrava que participaria de uma mesa sobre o tema “a sombra e o som surdo”. Mas ao chegar no evento, a sua mesa era sobre “Amor e Arte acima de qualquer algoritmo”, então ela se sentiu perdida, mas acredita que a acima da sombra há um amor e há uma arte.

Anna também falou sobre o filme “Que horas ela volta?”, que ela fez sobre uma empregada doméstica e uma família brasileira. O trabalho é feito do ponto de vista da empregada. Uma das maneiras que foi pensado esse processo foi a partir do enquadramento. “Na divisão das classes, a empregada não tem direito de estar na mesa, só tem direito de rodear a mesa”, disse Anna. O filme mostra uma relação humana e social. Anna contou que no lançamento do filme em Paris, lhe perguntam porque, sendo uma pessoa que nasceu na sala, se colocou neste lugar (da cozinha). E ela entendeu que um artista tem a capacidade de se colocar no lugar do outro, mesmo não sendo uma experiência, mas sendo uma forma de observação.

A tendência é que se fale do ponto de vista que se viveu, mas falar do outro, segundo Maya, é aproximar-se desse outro, é compreendê-lo, e é um exercício muito importante que temos que fazer o tempo todo.

Então Anna concluiu a mesa afirmando que talvez aí esteja a sombra e o som surdo!

## Encerramento do Fórum

A mesa de encerramento “Ainda há noite” trouxe Claudi Carreras (Espanha) e Iatã Cannabrava (Brasil) – curadores – e Alejandro Chaskielberg (Argentina), Alejandro e Cristobal Olivares (Chile), Cristina de Middel (Espanha) e Bruno Morais (Brasil), Gihan Tubbeh (Peru), Ignacio Iturrioz (Uruguai), Jorge Panchoaga (Colômbia), Juan Brenner (Guatemala), Kalev Erickson (Estados Unidos/Reino Unido), Luisa Dörr (Brasil) e Yael Martinez (México) – artistas.

Eram os curadores do fórum, com os artistas que expuseram seus trabalhos na mostra que integra a programação do evento. Na discussão, explicaram que assumem a responsabilidade de, ao tentar falar sobre uma exposição, abordar o efeito de frequentar a cultura como uma das maiores possibilidades de o ser humano se transformar.

A Exposição “Ainda Há Noite”, com curadoria de Claudi Carreras e Iatã Cannabrava, reuniu imagens que recorrem à noite para pensar a América Latina, seja como conceito, seja como cenário. Temas como violência, cicatrizes do processo de colonização e movimentos de negação dos conhecimentos histórico e científico, são apresentados por dez artistas e duplas convidadas, e assim, mostram aspectos das identidades e das realidades latino-americanas que só são revelados ou vistos ao cair da noite.



O Fórum Latino-Americano de Fotografia tem acontecido a cada três anos. Este distanciamento é benéfico, pois nos propicia perceber o tempo e o que tem acontecido e olhar com atenção para os fatos.

Outra coisa importante é que o evento traz uma leitura de várias questões da América Latina. Questões estas pontuais e importantes em termos de mundo e de proximidade. São temas que são mundiais e outros que são das nossas fronteiras, em relação a fotografia e também da nossa vida em sociedade. Isto nos ajuda a pensar inclusive sobre a unidade do nosso continente, dos problemas e de nossa cultura em comum.

Talvez o mais importante desta edição do fórum foi que percebemos uma horizontalidade nas escutas e nas discussões. Foi de fato um pensar, uma troca, entre a plateia e grandes nomes da fotografia, todos com ações agregando novos questionamentos e proposições que enriqueciam a discussão. Assim, fica claro a intenção do Fórum de mostrar que não temos mais um caminho único, onde grandes nomes ditam a verdade, mas muitas possibilidades, feitas a muitas mãos.

Se na última edição do Fórum se falava em conspirações à luz do dia, a essência da noite trouxe uma pausa para articular melhor as ações para a coletividade ao nascer do dia.



concepção

terceira coleção:  
Liliane Giordano  
Arte em Roupas

---



Arte em Roupa é o conceito da linha que a fotógrafa Liliane Giordano, diretora da escola de fotografia Sala de Fotografia, de Caxias do Sul, lançou em meados de 2018. A coleção exclusiva de grife é estampada com suas fotografias. A terceira coleção traz novas estampas exclusivas e com novidades nas peças pensando na nova estação.

A linha conta com vestidos, blusinhas, camisetas, moletoms, lenços, necessaires, bolsas, e até tênis com fotografias - sempre em tiragem limitada - no máximo 10 peças de cada. As estampas passam do moderno à interação do homem com a natureza.

A coleção foi pensada para ser uma pequena coleção desenvolvida especialmente com uma série definida de fotografias, que conversam entre si a partir do orgânico e o concreto.





# Parceiros



[www.saladefotografia.com](http://www.saladefotografia.com)

Rua Garibaldi, 789, Sala 177. Edifício Estrela, Caxias do Sul | RS  
(54) 3534.8994 | 9.9981.9894      [saladefotografia@gmail.com](mailto:saladefotografia@gmail.com)

